

O Que Aprendemos com os Gatos

Paloma Díaz-Mas

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O Que Aprendemos com os Gatos

Paloma Díaz-Mas

PALOMA DÍAZ-MAS

O que aprendemos com os gatos

"Uma leitura
comovente."
Ferreira Gullar

 Planeta



 leLivros

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

**O que
aprendemos
com
os gatos**

PALOMA DÍAZ-MAS

O que aprendemos com os gatos

TRADUÇÃO
Luís Carlos Cabral

 Planeta

Copy right © Palom a Díaz-Mas, 2014

Originalm ente publicado em espanhol por Editorial Anagram a S.A.

Copy right © Editora Planeta do Brasil, 2015

Todos os direitos reservados.

Título original: *Lo que aprendemos de los gatos*

Preparação: Paula Jacobini *Revisão:* Pamela Oliveira e Paula Nogueira
Capa e projeto gráfico: Departamento de Criação Editora Planeta do Brasil
Imagem de capa: © Eric Isselee / Shutterstock *Imagens de miolo:*
© Eric Isselee /

Shutterstock e © Viorel Sima / Shutterstock *Adaptação para eBook:*
[Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D534q

Días-Mas, Paloma O que aprendem os com os gatos / Paloma Días-Mas; tradução Luis Carlos Cabral. - 1. ed. -- São Paulo: Planeta., 2015.

Tradução de: Lo que aprendem os de los gatos ISBN
978-85-422-0601-2

1. Gato. 2. Gatos - História. 3. Animais - Tratamento. I. Título.

CDD: 636

15-

CDU:

25748

619:636

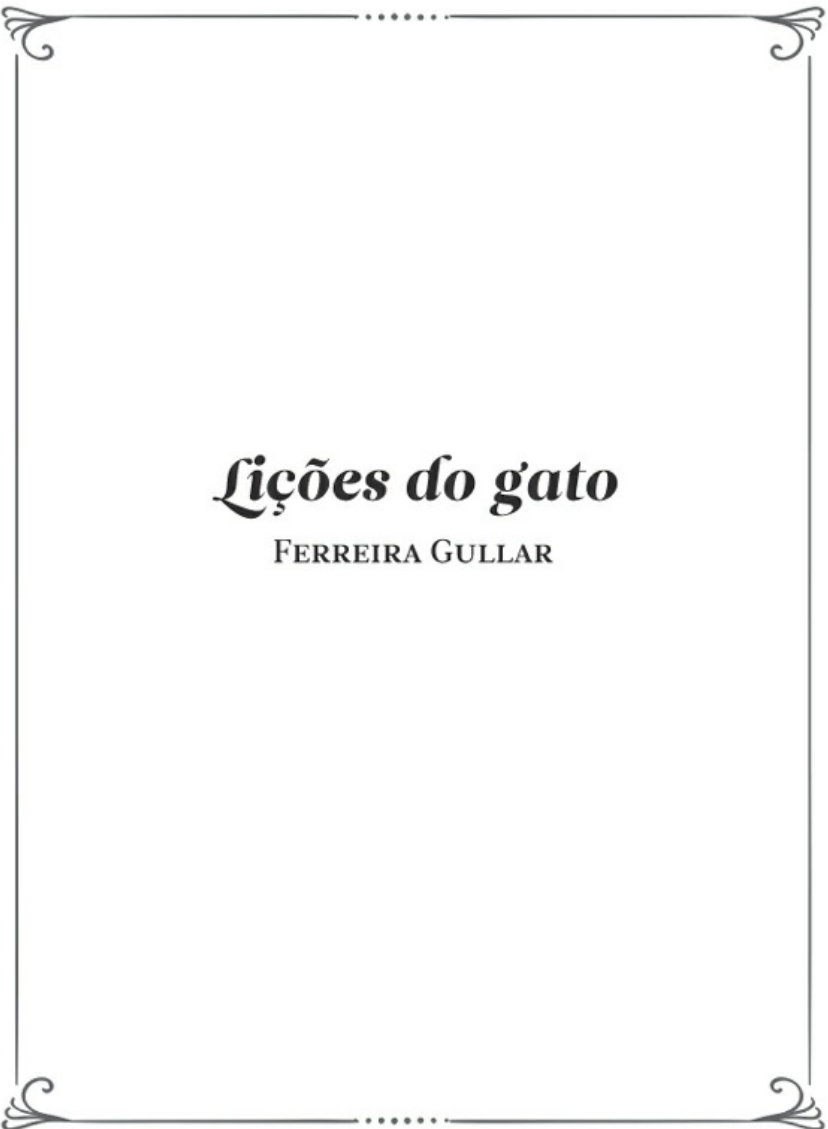
2015

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO
BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 — 21o andar Ed. Horsa II — Cerqueira
César 01411-000 — São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br



Lições do gato

FERREIRA GULLAR

Gosto de gatos, muito em bora não estej a habituado a ler livros sobre eles.

Não obstante, a leitura deste livro de Paloma Díaz-Mas foi muito prazerosa, não apenas porque ensina as pessoas a aprender com os gatos, com o as deixa fascinadas por esses pequenos e afetuosos felinos. É verdade que às vezes eles nos perturbam com insistentes miados, mas, na maioria dos casos, miam para chamar nossa atenção

e pedir carinho.

O livro de Paloma Díaz-Mas é assim revelador desse bichinho especial que é o gato, mas também revelador da personalidade da autora, capaz de se identificar tão intimamente com ele. E mais: é também revelador de uma escritora particularmente lúcida e sensível.

Outra característica deste livro especial é o senso de humor, quando, por exemplo, Paloma atribui ao gato considerações sobre uma enfermidade que ataca o ser humano e que se chama Razão. Uma das consequências dessa enfermidade é ter ele preferido andar sobre os dois pés traseiros, sujeitando-se a frequentes quedas e dores na coluna vertebral.

O que aprendemos com os gatos é, por isso mesmo, leitura com ovente, tal é a afeição da autora pelos bichanos e tal é sua capacidade de nos comunicar essa afeição, sem derramamentos sentimentais e, sim, com seu modo próprio e sua capacidade de captar os sentimentos deles.

Neste particular, minha opinião é suspeita, dada a identificação com o que ela, em seu livro, nos conta e nos revela. A morte de sua gatinha Tris-Trás me tocou particularmente, porque também perdi um gato de estimação, que viveu todos os dezesseis anos ao meu lado. Essa perda me marcou de tal modo, que decidi nunca mais ter um gato em minha casa. “É que um amigo querido não se substitui” — dizia a mim mesmo —, mas, de fato, o que eu queria era ter de experimentar outra perda dolorosa com aquela. Alguns anos depois, quando a dor já havia aliviado, ganhei de presente uma gatinha, sianesa com o Gatinho, que logo se afeiçoou a mim — e eu a ela —, e nos tornamos companheiros íntimos de todas as horas.

Sucedem, com as pessoas, nenhum gato é igual a outro. A gatinha, que se tornou minha companheira, ao contrário do Gatinho que se dava com todo mundo, não aparece para ninguém que chegue a minha casa. Basta soar a campainha da porta para ela fugir da sala e ir esconder-se na estante de livros do meu escritório. E lá fica até que o intruso se retire, quando, então, ela reaparece, desconfiada, farejando o ambiente para assegurar-se de que estamos de novo só nós dois no apartamento.

Gatinho ainda estava vivo quando comecei a escrever poemas contando suas gracinhas. Até então, não havia escrito livros para crianças, e, mesmo quando fiz esses poemas, minha intenção era muito mais divertir meus netos do que fazer um livro. Tanto era assim

, que convidei m eu neto Estêvão — que gostava de desenhar bichos — para ilustrar os poem as sobre o Gatinho. Ele, no entanto, se negou a fazê-lo, alegando que só desenhava bichos em extinção, e gatos não cabiam nessa classificação. De fato, só então m e dei conta de que, quando vinha a m inha casa e pedia papel e lápis para desenhar, só desenhava rinoceronte, hipopótam o, elefante e outros anim ais am eaçados de serem extintos. Por isso, quando enfim decidi publicar o livro — que recebeu o nom e de *Um gato*

chamado Gatinho —, pedi a Ângela Lago que o ilustrasse, o que ela fez m agnificam ente.

Gatinho foi com prado por m im para m eus filhos, que o adoraram . O

problem a foi escolher um nom e para ele. Depois de num erosas sugestões de cada um , decidim os cham á-lo sim plesm ente de Gatinho. Pois bem , quando ganhei de presente a nova gata, com o j á não havia ninguém na casa para opinar acerca de que nom e pôr nela, optei sim plesm ente por cham á-la de Gatinha.

Até hoj e, não escrevi nenhum poem a sobre ela. Mas isso não im porta, um a vez que, pelo contrário, é a presença dela que enche m inha vida de poesia.

Sumário

UM GATO

DOIS GATOS

A um cavalheiro que chorou

com sua esposa uma pequena perda

Passaram por nossas vidas cautelosos, como quem pisa em almofadas de algodão;

eram capazes de andar no vidro sem quebrá-lo

de roçar uma taça sem derramar uma gota sequer.

Eram sábios: no verão, escolhiam a sombra mais fresca, no inverno, o calor de nossos corpos adormecidos.

Andavam pela casa deixando uma esteira

de inapreensíveis fibras de ouro ou nácar.

Muitas vezes nos afastaram do nosso lugar, que também era seu lugar favorito, e nós, reis destronados e imensos, fomos nos acomodar — é um modo de dizer — no mais incômodo assento da casa.

Quantas vezes acalmaram nossa angústia

com o rumor que vibra em sua garganta.

Demos a eles tudo que pediram;

e eles aceitaram

com a majestade de quem nada pediu.

E às vezes éramos dominados pela perplexidade

de ter enfiado em casa uma fera terrível, uma fera armada de garras e dentes

que, com língua de lixa, penteia sua seda ao sol.

No fim morreram:

apenas um suspiro

e restou um farrapo de pele suave, quase nada, discretos e dignos na morte como na vida.

Assim foram nossos gatos

e mesmo agora, muitos meses depois, de vez em quando encontramos

um pelinho de seda em nossas roupas.

ESTEBAN VILLEGAS, Vida cotidiana, 1995.





Um gato

Encontrei um , dois fiozinhos dourados no suéter preto que acabei de vestir.

Pego um com os dedos — não é fácil, porque, apesar de delicada, a fibra adere com força à lã do suéter, com o se estivesse entrelaçada com ela — e o observo.

Se m inha vista fosse m elhor ou dispusesse de um a lupa, sei o que veria com toda nitidez: a fibra não é de um a única cor, m as tem três

tons, um louro dourado escuro, um branco e, entre um e outro, um a suave cor crem e tão delicada que é difícil distingui-la. São as listras de Tris-Trás, que m orreu há quatro m eses. Sua pelugem de gato europeu dourado parecia feita de pelos de várias cores, m as, na realidade, cada um de seus pelinhos repetia em m iniatura o desenho da pele do gato inteiro.

A todo m om ento ainda encontram os seus vestígios pela casa: um pelo grudado em nossa roupa ou que encontram os em um a alm ofada da poltrona; o rasgo que ela fez com as unhas na m elhor colcha da nossa cam a, a qual ela alisava com o se a estivesse ordenhando, antes de dar três voltas sobre si m esm a e se acom odar no lugar m ais confortável; a aparente suj eira da parte baixa da m esa é a m arca da gordura de sua pelagem . De repente, lem bram os dela esfregando o focinho, o pescoço e o lom bo na perna do m óvel, m arcando o território que ela considerava seu, um território no qual vivíam os de m aneira precária, com o hóspedes bem -vindos ou, dizendo m elhor, bem tolerados.

A prim eira vez que isso aconteceu foi em um a viagem transoceânica.

Cheguei ao hotel à tarde, aproxim adam ente na m esm a hora em que havia saído do aeroporto de origem (o avião lutara infrutiferam ente com o fuso horário, e ainda estávam os no m esm o ponto de partida de um dia longuíssim o), e, ao abrir a m ala, a prim eira coisa que vi foi um a fibra dourada incrustada no m eio da lapela do paletó que eu pretendia usar na reunião de trabalho m ais form al da m inha estadia. Achei engraçado que Tris-Trás, que ficara em casa, tivesse m e acom panhado ao outro lado do Atlântico, representada por aquela fibra que parecia de seda. Peguei o pequeno filam ento e o deposei com cuidado em um a prega das grossas cortinas de cretone que fechavam a j anela: queria deixar a recordação de um anim al que não esteve e nunca estaria ali, um a presença virtual. Talvez ainda continue no m esm o lugar.

Ao longo dos anos, tem os sem eado o m undo com pequenos rastros de Tris-Trás, que, sem sentir, carregam os e vam os deixando em aviões, trens e ônibus, em nosso carro, nas ruas, em loj as, em poltronas de cinem a e em sofás das casas dos nossos am igos; dali, um exército de desconhecidos transporta-os, sem perceber, para bem longe, a lugares onde nunca estiveram os; algum as fibras douradas chegaram ao m ar, outras se perderam nas trilhas dos bosques em que passeiam os. As fibras sedosas — cada um a das quais tem três cores sutis, com o pintadas de propósito — foram espalhadas por vários lugares do m undo globalizado. É o que resta de Tris-Trás, agora que

não está m ais aqui. Ela partiu e deixou o m undo coberto de pelos.

Continuam os repetindo, sem querer, velhos gestos, agora desnecessários: deixam os todas as portas um pouco entreabertas para que Tris-Trás possa circular livremente pela casa, pois os gatos não suportam ver-se trancados em um aposento. Tem os o cuidado de fechar bem as j anelas, para que ela não volte a se precipitar do segundo andar, com o j á aconteceu um a vez. Nossos corações

ficam apertados quando pensam os que agora podem os deixar as j anelas abertas de par em par; essa nossa liberdade recém -adquirida nos dá um a sensação de vazio e deixa um sabor triste em nossas bocas. Na hora habitual, pensam os:

“tem os de lhe dar com ida e água lim pa”, e então percebem os que não há a quem dar de com er nem de beber. E, às vezes, quando passam os diante da porta de um aposento qualquer, dam os um a olhada para verificar onde está o gato, que não está m ais.

Ela m orreu com a dignidade com a qual os anim ais sabem m orrer. Delicada, teve o cuidado de m orrer quando todos estavam os em casa: não em um dos m uitos dias do cotidiano nos quais cada um ia para seu trabalho e Tris-Trás ficava sozinha, desfrutando das m útiplas alm ofadas, poltronas e tapetes à sua disposição; teria sido doloroso voltar do trabalho e encontrá-la doente, agonizando ou talvez m orta. Mas não: m orreu na m anã de um sábado, dando-nos tem po para nos despedir e vê-la partir.

Na noite anterior, estivera com o sem pre. Brincou conosco (era um a gata velha, m as ainda capaz de brincar; perseguiu fiozinhos pelo tapete ou desfiava com vigor as tapeçarias, afiando as unhas em qualquer poltrona), com eu e bebeu com o em um dia qualquer e aconchegou-se em nossos colos quando descansávamos os sentados no sofá. Acham os estranho que, quando nos levantamos e subimos as persianas, ela não saiu para saudar o sol com m iados entusiasm ados, com o de costum e. Tivemos de procurá-la, e a encontramos escondida em baixo da m esa, com os olhos fechados e um a debilidade m ortal; havia feito suas necessidades no tapete, apesar de sem pre ter sido cuidadosa.

Quando a tiramos dali, as patas m al a sustentavam , m as foi procurar, quase se arrastando, outro lugar recôndito. Mau sinal: os anim ais se escondem para m orrer, com o se soubessem que se m orre sozinho e que, nesse m omento, o m elhor é evitar qualquer com panhia.

Nós a pegam os no colo para enfiá-la em um a caixa de transporte, e ela quase não pesava: seu corpinho peludo tinha a consistência de um desses horríveis obj etos de pele que, no passado, as senhoras colocavam em volta do pescoço: um bicho m orto e curtido — um vison[1], um a m arta ou um a raposa — com olhos de vidro, que, incom prensívelm ente, era usado com o enfeite.

Perm itiu, passivam ente, que a enfiássem os na caixa de transporte, sem resistir, com o fizera em outras ocasiões, e aninhou-se no fundo, com o se quisesse se esconder. Durante a espera no consultório do veterinário, pareceu despertar um pouco: virou-se e nos olhou, com um a estranha serenidade, através das grades; chegou a m iar com energia — a energia habitual: um m iado autoritário e exigente —, pedindo que a tirássem os dali. Um cachorro com a pata engessada se aproxim ou para farej á-la, m as foi logo afastado por sua dona. Esperávam os com o coração encolhido e não sabíam os o que tem er m ais: se que aquele fosse o dia de sua m orte ou, então, o com eço de um calvário de tratam entos, operações e terapias, para ela acabar m orrendo alguns dias, algum as sem anas, alguns m eses depois. Os anim ais velhos não têm m uitas chances de sobreviver.

O veterinário só teve tem po de exam iná-la superficialm ente e aventurar um diagnóstico: percebia-se um tum or no ventre, sob a cam ada da pele ainda

espessa e sedosa, apesar da idade. Quando estavam os esperando pelos exam es a que ela seria subm etida, com eçaram as convulsões. Não havia nada a fazer. O

papel que assinam os no m eio de lágrim as dizia: “Autorização de eutanásia com passiva”.

Pudem os optar entre ir em bora e deixá-la nas m ãos piedosas do veterinário ou ficar até o final. Escolhem os ficar, não sei ainda se para lhe oferecer um a im possível com panhia no m om ento da m orte ou se para não ficarm os sem saber com o havia sido seu últim o instante e o que haviam feito com ela.

Foi tudo fácil: um caninho na veia para inj etar prim eiro um sedativo (estava tão fraca, tão incapaz de se sustentar, que escorregava na superfície polida de aço inoxidável da m esa de operações e a patinha da veia ficou em um a posição inverossím il, com o a de um bichinho de pelúcia desconj untado), um ligeiro vô m ito que expeliu a com ida que haviam os lhe dado na noite anterior — sem saber que era a últim a vez que com ia —, um a inj eção e nada m ais. Nem sequer um

suspiro, um estertor ou um m ovim ento; só um fio dourado de urina, que brotou suavem ente e se estendeu pela cam a. O veterinário, profissional, auscultou o corpo pequeno, que havia ficado na m esa de operações escarrapachado de bruços, em um a posição parecida com a que adotava para se refrescar no verão quando fazia m uito calor. “Não ouço m ais o coração”, disse.

Nós a acariciam os e a olham os pela últim a vez: parecia um trapinho m olhado, m as seus olhos abertos tinham a m esm a expressão e a m esm a cor de âm bar de sem pre, não turvada pela m orte.

Chorosos, foi im possível não pensar que tam bém gostariam os de m orrer assim um dia, tão facilm ente.

Ao voltar para casa, tivemos os de recolher, lavar e em pacotar as coisas dela para levá-las ao sótão. A tarefa foi adquirindo um sentido ritual, de rito de passagem , com o se a água lím pida da torneira, à m edida que corria, tivesse o poder purificador de ir afastando nossa dor.

Com eçam os a encontrar, em todos os cantos da casa, coisas que eram dela; não haviam os percebido que tivesse tantas. Sem pre acham os que os anim ais não possuem nada, que tudo o que têm é nosso, m as com preendem os que é ao contrário: m uitas das coisas que acreditam os serem nossas, na verdade, são deles, pois são eles que as usam , a partir do m om ento em que para nós perdem qualquer utilidade.

Os historiadores usam os testam entos e inventários de bens *post mortem* preservados nos arquivos notariais para estudar com o era a vida cotidiana na Idade Média ou nos séculos XVI e XVII. Quando, em um inventário dos bens de um artesão ou de um com erciante, lem os, entre outras coisas, “um a cam isa de linho puída” (quer dizer, usada), “um a vasilha de barro rachada”, “um retalho de cobertor de lã” ou “um a chave grande de ferro” — pequenos obj etos velhos, gastos ou aparentem ente inservíveis — som os transportados a um a sociedade na qual as coisas não eram usadas e jogadas fora — m esm o as pessoas que viviam com certo conforto aproveitavam até as roupas e os pertences que estavam caindo aos pedaços —: um tem po em que se guardavam , e até eram herdados, obj etos que nós considerariam os inúteis.

O inventário dos bens de Tris-Trás inform a, indiretam ente, sobre a vida

cotidiana e os usos e costum es de um gato de um a fam ília de classe m édia da Europa ocidental do com eço do século XIX. Ele relaciona os

seguintes utensílios:

- Um a caixa com areia, adequada às necessidades fisiológicas de um gato.
- Um a pá de plástico para retirar dejetos da areia.
- Meio pacote de areia para gatos.
- Um pacote, recém-aberto, de ração para gatos.
- Um tubo de *malt past* para gatos, a fim de evitar a formação de bolas de pelo em seu estômago.
- Um a caixa de transporte de tamanho médio (que ela odiava porque só servia para duas coisas terríveis: ir ao veterinário ou viajar de carro; nessa caixa também fez sua última viagem).
- Um a tigela amarela de plástico, com dezoito anos de idade.
- Um a caneca de cerâmica azul (ela era muito elegante e não gostava de beber água em recipientes de plástico).
- Um comedouro e um bebedouro, adequados para dosar a ração e a água (também não lhe agradavam, e, quando os abasteciamos, ela resmungava e dava voltas em torno deles, pois sabia o que significavam: que nos ausentariam por alguns dias e ela ficaria sozinha em casa).
- Um a cestinha tecida com palha de milho, artesanal, quase intacta (nunca conseguimos fazer com que ela dormisse nela).
- Um cachecol de lã estampado com desenhos elegantes, mas fora de moda, que colocávamos na mesinha da sala, perto do aquecedor, para que ela fizesse a sesta em cima dele.
- Outro cachecol de lã de *mohair*, estragado por uma lavagem inadequada, que colocávamos no sofá para que ela fizesse a sesta em cima dele.
- Um almofada com capa de algodão, com aplicação retangular de seda bordada, comprada em um bazar chinês por dois euros, que colocávamos em uma poltrona para que ela fizesse a sesta em cima dela.
- Um amanta de viagem de tecido sintético, entremontada de pelos de gatos de várias mudas — não conseguimos eliminá-los nem

passando o aspirador nem lavando-a várias vezes —, que dobravam os e colocavam os em qualquer lugar, para que ela fizesse a sesta em cima dela.

- Um a coleira de veludo, enfeitada com pedrinhas brilhantes de *strass*, que ela só usou duas vezes (e em ambas conseguiu tirá-la em menos de trinta segundos).
- Um chocalho não usado.
- Um a bola de pingue-pongue.
- Um a bola pequena, de listras coloridas, de material sintético.
- A miniatura de um a bola de futebol, imitando couro, rosa.
- Um novelo de linha amarela perolada.
- Um a bola feita de papel de alumínio procedente de embalagens de alimentos.
- Um carretel de linha sem linha, amarrado com um elástico (servia para brincar).
- Um rato de pano com chocalho, esburacado em vários lugares.
- Um a escova que servia, ao mesmo tempo, para acariciar e tirar os pelos.
- Um pente tipo lâmina de tosar, útil para a mudança de pelo no verão.

Outros bens não foram inventariados, pois foram doados em vida.

Alguns exemplos: • Um refúgio de tecido acolchoado, em forma de iglu, no qual ela não suportava ficar (era muito quente e em poucos dias foi doado a outro gato).

- Um a cadeira de escritório com assento de tapeçaria destruída pela afiação das unhas, que foi doada ao sistema de reciclagem de lixo da cidade.
- Um a prisma forrado com corda de esparto, especialmente projetado para a afiação de unhas, com o mesmo intacto. Foi doado a outro gato que também o deixou com o mesmo intacto.
- Seis ou sete revestimentos de poltrona, que eram doados a uma ONG

que recolhe roupas e trapos velhos à medida que iam sendo transformados em farrapo pela intensa afiação das unhas.

Se um historiador do futuro examinasse esse inventário, chegaria à conclusão de que se tratava de um gato rico, que possuía muitas coisas, tanto bens de primeira necessidade como o supérfluos; suficientemente abastado para fazer doações a seus semelhantes (o iglu, o prisma forrado de corda de esparto) e a obras beneficentes (a ONG que recebeu nada menos que seis ou sete revestimentos de poltrona, uma quantidade considerável para a época), e para se dar ao luxo de possuir, por mera ostentação, alguns objetos que nunca usava (o cesto de palha, a coleira de veludo, o chocalho), à semelhança dos nobres do Antigo Regime.

Sentimos sua falta mais pela manhã, quando acordamos e levantamos as persianas para que entre a luz do dia. Agora, fazem isso em um silêncio repulsivo. Só ouvimos os nossos próprios passos, o som da persiana subindo, algum ruído que provém do andar de cima ou do de baixo (os vizinhos também se levantam e caminham em suas casas, repetindo a rotina doméstica de toda a manhã) e, sobretudo, o bulício dos pássaros que piam nos galhos das árvores do jardim comunitário.

Antes, quando Tris-Trás ainda estava viva, o gesto mecânico de correr as cortinas e subir as persianas era acompanhado por um autêntico ritual de boas-vindas ao novo dia, à luz do sol que começava a despontar. Ouvia-se o leve som de uma suave aterrissagem de patas no chão (plof!). Uma corradinha, a istura do toque viscoso das almofadas digitais (as almofadinhas das patas) e o repicar de unhas sobre o parquet, começava em algum lugar — no sofá, em uma das cadeiras cujo assento ficava em baixo da mesa da sala de jantar formando uma agradável caverna, na almofada da cama do quarto de hóspedes — e se apressava em direção à sala ainda escura. A corrida era acompanhada de gritos de saudação, não exatamente de pedidos, mas de sons quase articulados em um volume que parecia impossível que pudesse sair de um corpo tão pequeno: ah, ah, aaaah, aaaaah (sua peculiar saudação ao sol: o novo dia havia chegado. *Surya namaskar*[2]).

Levantadas as persianas, a luz nascente era saudada com outros gritos

entusiásticos que acabavam, indefectivamente, em uma eufórica afiação de unhas na poltrona da sala. A pequena harpista peluda rasgava a tapeçaria — já desfiada de jornadas anteriores — com uma dedicação que denunciava sua imensa alegria de estar viva e estrear

um a nova m anhão. Depois, sem interromper a emissão de alaridos, deitava-se de lado no tapete e exigia, também com gritos entusiasmados, que acariciassem os ocos do bosquezinho de pelos de sua barriga. Então, enquanto, submissos, passavam os a m ão no ventre peludo, dizendo palavras de boas-vindas, ela aproveitava para se esticar, ainda deitada, exibindo os músculos, perfeitamente definidos, sob a pele espessa. Às vezes, sua alegria era tanta, que acabava nos dando um a m ordidinha carinhosa que nos fazia ver estrelas. As m arcas agudas de seus caninos afiados permaneciam por vários dias em nossa pele, levando-nos a compreender que tinham os em casa um a fera que só não atacava quando não queria.

Estava em nossas m ãos, portanto, a competência de fazer brotar o sol e iluminar o dia. Nos fins de semana, quando acordavam os um pouco mais tarde, Tris-Trás reivindicava da sala, com gritos imperiosos de aborrecimento, seu direito de estrear o dia na hora habitual: sem dúvida, a luz estava ali e nós a m antínham os oculta; ainda não haviam os feito o sol surgir porque não queriam os, não porque o sol não estivesse disponível. Prova disso era que a luz já penetrava pelas frestas das persianas. E, sobretudo, o bulício dos passarinhos nas azinheiras do jardim deixava às claras que o dia já com certeza há algum tempo, e nós, detentores do poder de iluminar a vida, continuávamos os dormindo. Sonolentos, ouvíamos os da nossa cama a ladainha imponente do animalzinho que exigia que o dia amanhecesse com o sem pre, na hora de sem pre, com o se possuísse um relógio interior — as m aníacas rotinas dos gatos. Depois, quando finalmente levantávamos os, a encontrávamos um pouco aborrecida, com o se dissesse: “Por que demoraram tanto para fazer amanhecer?”.

E agora que amanhecem os só para nós, sentimos a falta daquelas exigências cheias de vitalidade de um ser que adorava a luz e queria, em todas as horas, ver passarinhos.

Costumava dedicar m anhões inteiras a ver passarinhos, em especial nos dias claros da primavera e do outono. Ver passarinhos era um direito felino que ela não parava de reivindicar. Se a Declaração Universal dos Direitos do Homem tivesse sido redigida por gatos, provavelmente a atividade de ver passarinhos constasse dela com o um direito inalienável, tão inalienável com o a vida ou a liberdade. À falta de coisa melhor, sem dúvida, ver passarinhos estaria em um lugar destacado da Declaração dos Direitos dos Gatos, um documento legal muito mais modesto, mas não menos exigente.

Observava durante horas o voo dos pardais, que, desinibidos e

provocadores, chegavam a pousar no m esm o parapeito da j anela em que Tris-Trás estava apostada, pronta para caçar — pena que houvesse um vidro entre a presa e aquela pequena caçadora atenta que espregueitava com as orelhas aguçadas, disposta a dar um salto assassino que nunca poderia acontecer. Os pardais, espertos, conscientes da existência daquela barreira invisível, exibiam -se, descarados, diante do olhar im potente e excitado da fera caçadora encerrada em um a urna de cristal.

Tris-Trás foi im ortalizada em um a das fotos que tiram os dela ao longo de sua vida, precisam ente na atitude de ver passarinhos: está de costas, e sua figura é recortada contra a luz diante da j anela pela qual se entrevê o pátio interno ilum inado pelo sol (destacam -se as orelhas pontiagudas em estado de alerta). Em outra, enfiou-se na cortina para se aproxim ar da j anela, e só vem os claram ente o rabo aparecendo no m eio do tecido; a cabeça, sem dúvida concentrada na contem plação de passarinhos, aparece em baçada no outro lado da cortininha sem itransparente. Em várias fotos está olhando para cim a, com a carinha ilum inada por um raio de sol, com o se estivesse tendo um a revelação; intuím os que sua visão aguda de predador acom panha o voo de um pássaro no céu de um dia claro: tão distante, tão desej ado e, em bora inalcançável, não m enos perseguido.

O corpo dos gatos deve ser conquistado aos poucos, pois eles são extrem am ente dignos e, a princípio, não perm item que ninguém os toque. Por isso, é preciso fazer com o o Pequeno Príncipe fez com a raposa, no livro de Saint-Exupéry : um processo paulatino de sedução, aproxim ando-se cada dia m ais um pouco, até conquistar a confiança da pequena fera pacífica. É assim que eles nos ensinam virtudes fundam entais, hoj e abandonadas: a paciência, a perseverança, a capacidade de esperar sem obter resultados im ediatos.

Aprendem os, graças a eles, a conquistar, aos poucos, pedaço a pedaço, o pequeno corpo peludo, até que um dia nos perm item colocar os dedos nos lugares m ais intocáveis: a cauda, o bosquezinho suave do ventre ou a fresca e viscosa fresta que fica entre as alm ofadinhas das patas.

Lem bro-m e bem do prim eiro passo de aproxim ação de Tris-Trás. Fazia apenas alguns dias que estava em nossa casa e, desconfiada, ainda tendia a fugir da gente. À noite, às vezes ouvíam os passos discretos explorando cada canto da casa, m as, durante o dia, ela costum ava se esconder nos lugares que considerava m ais seguros: debaixo de um a poltrona, no m eio das pernas de um a m esa, atrás da televisão, no estreito espaço entre os livros da estante e a parede

(às vezes, de repente, um livro se mexia, chegava à borda da prateleira e caía com estrépito, provocando um relâmpago de fuga) ou, inclusive, debaixo da colcha da nossa cama, que ficava com uma corcunda engraçada: o corpo de um animal que sem dúvida não estava ali, já que ninguém podia vê-lo.

Ela foi se revelando aos poucos, e, em uma tarde, eu a surpreendi na cama do quarto de hóspedes, acariciando-se ao sol. Havia ali um pequeno sofá com uma cama reserva dobrável. Fiz com o o Pequeno Príncipe; fingi que não a havia visto, sentei no sofá e comecei a me acariciar da única maneira que me ocorreu: lixando as unhas. Um animal que está quieto, absorto na afiação das unhas, é a coisa mais parecida com um gato se lambendo ao sol. E, captando inteligentemente minha mensagem não verbal que estabelecia uma afinidade entre nós, Tris-Trás deslizou da cama em que estava e se acomodou ao meu lado no sofá, dando-me ostensivamente as costas.

Então, eu soube que, por fim, ela confiava em mim. Ninguém dá as costas ao inimigo. Por isso, quando os gatos se sentam e nos oferecem as costas e as redondas ancas peludas, olhando para a porta do aposento — um gesto que parece de olímpico desprezo — eles estão fazendo uma verdadeira declaração

de confiança e afeto: não tenho medo de você e olho para a porta porque estou atento, disposto a defendê-lo dos possíveis predadores que talvez se aproximem pelo corredor com a intenção de entrar em nossa guarida. Os predadores —

pensa o gato — não se aproximam enquanto eu estiver aqui para defender este lugar que é meu e, também — por que não dizer? —, um pouco seu.

Dizem que acariciar a pele de um gato prolonga a vida, tal é a sua suavidade.

Se a carícia for capaz de fazê-lo ronronar e provocar uma série de esfregões em mim os ossos, o ato de acariciar se transformará em um exercício de relaxamento.

Mas também é necessário fazer isso aos poucos, em uma ascensão cuidadosa de conquista paulatina. As instruções para aprender a acariciar um gato podem ser as seguintes: • O conveniente é começar aproximando, pacificamente, a mão do focinho, para que seja cheirada e explorada. Por ora, não tente mais nada.

• Se a mão for aceita sem ser vítima de uma unhada feroz, nem

receber um bufo de rejeição, então pode comçar pela cabeça. “Se quiser o amor do bichano, coce seu crânio”, diz o ditado. Convém comçar tocando a parte superior da testa, entre as duas orelhas eretas, naquele lugar onde os gatos tentam chegar quando se acariciam, esfregando a patinha molhada de saliva e dobrando-a de maneira inverossímil, com o se não tivesse osso.

Com o alcançamos com dificuldade esse lugar, uma carícia externa pode ser bem recebida; então, o senso de higiene do gato se sobrepõe ao seu bom senso, que o leva a desconfiar do animal enorme e que está futucando sua cabecinha.

- Com o primeiro dedo, e, depois, se não for rejeitado, use a unha.

- Se tudo correr bem, pode continuar traçando uma linha suave, comçando pela testa e rodeando uma orelha. Notará que ali o pelo é mais suave, semelhante à pena de um pássaro.

- Não estranhe se, ao tocar atrás da orelha do gato, ele esfregar o focinho na sua mão ou na sua perna. Fique atento, porque, com o entusiasmo, alguns gatos costumam perder o tino e dar uma mordida com toda força. Essa é uma mordida de aceitação ou de gratidão, mas dói. Às vezes, a garra do gato dispara e faz uma viagem com as unhas retraídas (vontade de brincar ou um aviso, sem querer fazê-lo sangrar) ou expostas, abertas com os garfos (sinal de digna rejeição, com o se dissesse: “Deixe-me em paz e lembre que sou um felino, da mesma família dos tigres e dos leões”).

- Se você conseguiu chegar até aqui sem ser mordido ou arranhado, pode se aventurar a percorrer com a palma da mão a coluna vertebral, na qual cada vértebra se destaca, com elasticidade invejável, em baixo da pele molhada.

- Se conseguir percorrer várias vezes o espaço que vai da nuca à base da cauda, pode considerar que foi aprovado na primeira lição de como acariciar um gato. O melhor a fazer será não insistir mais por hoje, pois uma das virtudes mais apreciadas pelos gatos é a moderação; o excesso de carícias se torna aborrecimento para quem as recebe, e esse primeiro encontro poderá acabar de forma violenta. Amanhã tem mais.

Chegam os ao curso avançado, que inclui outras carícias. A mais difícil é a que tem com o objetivo a cauda, ou seja, ir com a palma da mão até a base do rabo, fechar o punho (sem muita força) em

torno dele e então percorrê-lo da base à ponta. Na primeira vez em que tentei fazer isso com Tris-Trás, ela se agitou, amassou e arranhar, em bora suas unhas estivessem cuidadosamente retraídas, pois, na verdade, não queria me machucar, e me dirigiu um olhar expressivo de indignação: “Imbecil, aí não se toca”.

A última fase é conseguir que o gato permita que você toque o bosquezinho de seda de seu ventre, onde a pele é mais suave; no entanto, quando ele se habitua, gosta tanto, que acaba transformando-o em um dos muitos direitos humanos dos gatos: fica de barriga para cima e exige com pedidos (às vezes, aos berros) que acariciem os seu ventre de uma vez por todas. E nós nos agachamos para satisfazê-los, com ovidos pela confiança da pequena fera deitada de bruços, com as patinhas encolhidas, oferecendo-nos sua parte mais vulnerável, aquela em que um predador cravaria seus dentes para arrancar a pele e chegar às deliciosas entranhas. Nessa postura, matá-los seria muito fácil, se quiséssemos. Mas não querem os, e eles sabem disso.

A perfeita, a absoluta beleza em miniatura de um animal sem um único defeito físico, extremamente harmonioso. Na literatura medieval, foi desenvolvido o tema da *descriptio puellae*, a descrição da beleza de uma garota dos pés à cabeça, com parando cada parte do corpo com alguma coisa bela. Olho algumas fotos (das centenas que tiram os dela), nas quais a beleza da donzela peluda Tris-Trás se revela em todo seu esplendor.

Sem pressa com a descrevendo a cabeça, que poderiam os com parar aqui a uma caixinha de madeira forrada com veludo; em seu interior, em bora não possam vê-la, há uma pedra de alabastro em forma de noz: o cérebro, tão rígido como um seixo rolado. Às vezes, parece impossível que possam caber, em um lugar tão pequeno e plano como a caixa cefálica do gato, ideias tão redondas, tão firmes, tão imóveis, tão enérgicas.

Sobre a caixinha de madeira elevam-se, eretas, duas orelhas sedosas que, quando são vistas à contraluz em uma manhã de sol, exibem, translúcidas, uma trama de veias rosadas.

A testa, ampla e limpa, tem o desenho de um Minúsculo em tom escuro. A testa, portanto, poderia ser com parada a uma ardósia japonesa e suave sobre a qual alguém com esmero a escrever.

Os olhos são dourados e, por isso, podem os com pará-los facilmente a contas de âmbar translúcido, nas quais se percebem pequenas m

anchas negras, com o se fossem insetos aprisionados no olhar desde tem pos im em oriais.

Esses olhos de ouro e faíscas de mica são cercados por linhas m arom
-

escuras de inspiração egípcia, que partem da região superior do olho e alongam -

se pelas bochechas, até chegar ao pescoço. Direm os, portanto, que essa m aquiagem natural, feita de pinceladas de pelo, são os olhos de um a princesa do Nilo.

Outras linhas da m esm a cor cercam o pescoço, com o os colares ou braceletes usados pelos antigos.

As patas dianteiras tam bém têm as m esm as linhas circulares, m as m enores,

sem elhantes a pulseiras.

Das m ãos, direm os que não têm ossos — sabendo que m entim os, pois ocultam garras afiadas, que não estão nas fotografias, com o tam pouco se veem as fofas alm ofadinhas m arrons, de couro desnudo, brilhantes e lim pas, parecidas com grãos de café.

É fácil descrever o lom bo: um arco que, quando quer, descansa e, quando quer, se estica com o se fosse lançar um a flecha ao vento.

O rabo, um a serpente em plum ada com argolas douradas e beges.

A pele do ventre é um bosque sedoso e, quando arqueia o lom bo, estica as patas traseiras e levanta a cauda, exhibe, com naturalidade, um ânus rosado e lim po com o um a flor.

De vez em quando, encontram os m arcas de sua passagem , os sinais que delim itam seu território. Levam os algum tem po para com preender que essas som bras escuras, acinzentadas, que se percebem na parte baixa dos um brais de todas as portas tinham algo a ver com Tris-Trás. A m arca cinza, fosca, é, ao tato, um pouco gordurosa: restos da gordura do pelo de um anim al que não está m ais aqui e que, no entanto, deixou todo o nosso território delim itado, com o se fosse seu. Cada vez que passava de um aposento a outro, roçava, quase im perceptivelm ente, seu lom bo no um bral da porta; fazia a m esm a coisa nos pés das m esas e das cadeiras, na porta do terraço, nos pés da cam a e em alguns aquecedores. Passava por esses lugares de um a

m aneira tão s  til que m al a perceb  am os, m as agora que não está m ais aqui, vem os que toda a casa está m arcada. Dezenas, centenas de passadas do lom bo pelos m esm os lugares deixaram , em toda parte, m arcas que antes não v  am os. Nossas lágrimas saltam quando, esgrim indo um a flanela im pregnada de lim pador líquido m ultiuoso, vam os apagando essas m arcas e recuperando esse lugar que um dia foi seu território e agora volta a ser exclusivam ente nosso. Tem os a sensa  o de estar conquistando um a terra deserta, um lugar vazio.

Entre todos os anim ais dom   sticos, o gato    o único que não foi dom esticado pelo hom em . Não porque continue selvagem (em bora às vezes pareça) nem porque sej a incapaz de conviver com os seres hum anos, m as porque não foram os hum anos que dom esticaram o gato; foi o gato que dom esticou a si m esm o. Em outros casos, os hum anos pegaram filhotes de outras espécies, os habituaram a conviver no entorno deles ou os subm eteram e dom inaram ; m as o gato resolveu, por conta própria, m udar e viver nas casas dos hum anos. Por isso, os gatos não têm dono, e a convivência com eles    sem pre resultado de um pacto, de um a negocia  o, não de um a dom ina  o (talvez sej am os gatos que dom inam os seres hum anos, esses anim ais enorm es e, no entanto, bastante dóceis).

Nos m ercados das cidades do norte da África, ainda restam contadores de histórias que narram , diante de grupos de espectadores, f  bulas recebidas por tradi  o oral, transm itidas de gera  o a gera  o; histórias que cada narrador enriquece com suas próprias contribui  es e seus enfeites. Entre as histórias que são contadas, está a de com o o gato dom esticou o hom em ; esta pode ser um a versão: *Há milhões de anos, o gato ambicionava penetrar nos celeiros do homem.*

E sua ambi  o não se devia ao fato de que desejasse os cereais que eram guardados ali — já que, para o gato, não tinham nenhum valor —, mas porque

observara que os ratos e as ratazanas entravam às escondidas nos silos, aproveitando qualquer pequeno buraquinho ou qualquer fresta entre as portas para comer o trigo ou a cevada. E, por isso, o gato, um animal esperto e astuto, pensava que, se pudesse ele mesmo entrar nos silos e nos celeiros de grão dos homens, sempre encontraria ali ca  a abundante e poderia se alimentar com segurança e pouco esforço.

Mas nem sequer lhe era possível aproximar-se dos povoados onde ficavam os celeiros, pois, naquela época, o gato era um animal selvagem, que vivia em liberdade nos desertos e caçava    noite, quando a terra se livra da ardência do sol e os insetos e os pequenos animais abandonam seu refúgio

no meio da areia para reviver com o ar fresco da noite. O homem odiava os animais selvagens do deserto e procurava mantê-los afastados dos povoados, perseguindo-os até matá-los, e essa era a razão pela qual o gato não podia se aproximar dos povoados nem de seus celeiros.

O gato tem uma qualidade que o homem não tem: é paciente e não se importa em esperar. Ao contrário do homem, que quer fazer tudo depressa, que trabalha aceleradamente e mal tem tempo para se sentar e descansar, o gato se senta, se acomoda e espera pela melhor ocasião para entrar em ação.

Por isso, o gato meditou e meditou e meditou sobre como poderia entrar nos celeiros, e, por fim, resolveu dar um pequeno passo para se aproximar das casas dos homens.

Uma noite, quando os homens estavam dormindo, o gato foi se aproximando de um povoado, e, quando achou um lugar que lhe pareceu adequado, escolheu uma árvore, trepou pelo tronco com o auxílio das unhas e acomodou-se em um galho alto, em um lugar onde os homens pudessem vê-

lo, mas, se tentassem pegá-lo, pudesse fugir com facilidade.

O dia amanheceu e, a princípio, os homens não repararam no gato, porque, embora estivesse à vista de todos, sua pelagem o fazia passar despercebido entre as luzes e as sombras formadas pelas folhas da árvore. E, além disso, os homens estavam ocupados em suas tarefas e não se entretinham em olhar para cima, para o lugar de onde o gato os observava, bem instalado em um dos galhos. E o gato esperou, e esperou, e esperou.

Alguns dias depois, na hora em que o Sol está mais alto no céu, os homens, sem conseguir suportar o cansaço e o calor, sentaram-se para descansar à sombra de um falso-plátano que dava uma sombra muito fresca; o gato soubera escolher bem e estava na árvore que dá a melhor sombra, o falso-plátano. Um dos homens, que havia se deitado à sombra, olhou para cima, viu o gato confortavelmente sentado em seu galho, avisou os outros e todos começaram a atirar pedras para matar o gato ou para afugentá-lo dali, como faziam com todas as animálias. Naquela época, os homens eram selvagens e mal distinguiam um gato de uma cobra ou de um chacal; para eles, todos os animais que viviam em liberdade eram iguais. Mas, como o gato estava em um lugar muito alto e firmemente assentado em um galho, as pedras que atiravam não chegavam a alcançá-lo e acabavam caindo na cabeça de quem as atirara. Até que os homens se cansaram de receber na cabeça as próprias pedradas e resolveram deixar o gato em paz, continuar descansando

enquanto o gato os vigiava, e depois voltar a trabalhar. O gato ficou ali, no lugar que havia escolhido, e permaneceu nele durante todo o tempo que quis; foi embora quando achou que devia e voltou sempre que quis, e, de vez em quando, quando queria, caçava alguns dos pássaros que apareciam para bicar as frutas da árvore.

Aos poucos, os homens foram percebendo que os pássaros não comiam as frutas da árvore em que o gato costumava se alojar, pois ele os caçava ou as próprias aves fugiam temendo ser devoradas. Por isso, passaram a achar que era positivo que o gato subisse naquela árvore e ficasse nela o tempo que quisesse; quanto mais tempo melhor. Dessa maneira, o gato começou a domesticar o homem, pois, quando se trata de domesticar um animal, o primeiro passo é fazê-lo aceitar a presença de seu amo sem atacá-lo, e o gato conseguira que o homem aceitasse sua presença e até a desejasse.

Uma vez que o homem havia se acostumado com a presença do gato e o aceitara como amo, para o gato foi muito fácil entrar nos celeiros dos homens, porque tinha o corpo ágil e flexível, era capaz de saltar e trepar e, quando não conseguia passar pelas frestas das portas, penetrava pelos alçapões usados para verter o grão no interior dos silos ou pelos respiradouros que se fazem nos telhados para que o trigo fique arejado e não apodreça. Ali, nos celeiros, à noite, caçava à vontade, mal se esforçando, porque os ratos e as ratazanas entravam achando que iam se alimentar e não percebiam que o gato estava escondido entre as montanhas de trigo; além disso, durante o dia, dentro do celeiro, o gato podia se manter a salvo do calor.

Mas o gato era orgulhoso e não lhe bastava poder caçar ou viver com conforto nos celeiros dos homens; ambicionava que o homem lhe agradecesse e pedisse a sua ajuda. Por isso, e de propósito, começou a deixar cadáveres de pequenos camundongos à vista, para que o homem os encontrasse toda vez que entrasse no celeiro para pegar o grão; e sempre deixava naqueles animaizinhos mortos sinais de suas garras, para que o homem os visse bem e soubesse quem os havia matado. Às vezes, pisava intencionalmente no sangue de suas vítimas ou afiava as unhas na cal das paredes do celeiro e, depois, com as almofadinhas empapadas de sangue ou cobertas de cal, andava por todos os lugares para deixar um rastro com as marcas de suas patas: queria que o homem visse com clareza quem lhe fazia aqueles favores e a quem devia ficar grato por se livrar dos ratos e das ratazanas que antes comiam seu grão.

O homem, embora fosse um pouco lerdo e tivesse os reflexos lentos, acabou percebendo que nos celeiros onde encontrava os rastros do gato não havia ratos nem diminuía a quantidade de grão, e ficou tão grato ao gato, que lhe permitiu viver no celeiro e entrar e sair dele quando bem entendesse.

Mas o gato era orgulhoso e começou a ambicionar ter mais poder sobre os homens, entrar em suas casas e apoderar-se do que havia de melhor nelas. E, sentado sobre as montanhas de trigo que eram o sustento dos homens, começou a pensar em como poderia atingir seu objetivo, e meditou, e meditou, e meditou.

Depois de meditar muito, o gato percebeu que o homem gostava imensamente de suas crias, cuidava delas com abnegação e as mantinha e alimentava durante anos. Por isso, pensou que, se também conseguisse domesticar as crias do homem, o homem faria tudo o que quisesse e estaria à sua disposição.

Além disso, o gato achava agradáveis as crias dos homens, porque estavam sempre em lugares confortáveis e abrigados e emitiam um cheiro aprazível do leite morno que mamavam nos peitos de sua mãe, a fêmea humana. Então, um dia, o gato deslizou para dentro da casa do homem — não sabemos se entrou por uma porta entreaberta, por uma janela ou por um buraco do teto, porque tudo era possível para ele e nada lhe oferecia resistência e, além disso, era corajoso e não recuava diante de nenhum perigo — e, agachado em um canto, esperou que a noite chegasse e o homem e sua mulher adormecessem. Então, saiu de seu esconderijo e foi até o berço onde dormia a cria do homem, aninhou-se junto a ela para aproveitar seu calor e adormeceu. A cria, como tinha pouca idade, era parecida com os animais e era, portanto, mais sábia do que seus pais — pois os homens vão perdendo sabedoria à medida que crescem, e isso é por causa de uma doença da qual sofrem, que se chama Razão —, e achou agradável o calor do gato e a suavidade de sua pele, que era mais macia e cálida do que a pele de sua própria mãe, a fêmea humana; acomodou seu corpo ao do gato, e dormiram, um ao lado do outro, boa parte da noite. E, dessa maneira, foi domesticada a cria do homem.

Quando o gato e a criatura estavam assim, dormindo juntos no mesmo berço e no melhor dos sonhos, um rato saiu de sua toca. Os ratos também são atraídos pelo cheiro de leite morno dos lábios das crianças pequenas e, muitas vezes, aproximam-se dos berços onde elas dormem, enfiam-se no meio dos lençóis e mordem suas orelhas e mãozinhas, que são para eles um doce manjar.

Foi o que aconteceu naquela vez: o rato chegou e se enfiou no berço da criatura com a intenção de comer suas orelhas e os dedinhos de suas mãos, que têm sabor de leite, sem perceber que o gato estava ali, dormindo ao calor da cria do homem. Como os gatos têm o ouvido muito fino e enxergam na escuridão, o gato acordou e ficou espreitando, mal se mexendo, tal como estava no berço, e caiu em cima do rato, segurou-o pelo pescoço com os dentes e o matou com um golpe certo de suas patas

traseiras.

O gato é um animal sagaz e astuto e, embora tivesse fome e lhe apetecesse comer o rato, pensou que, se em vez de devorá-lo o deixasse cair ao pé do berço, tiraria mais proveito, porque o homem lhe ficaria grato, como ficara quando começou a encontrar ratazanas mortas no celeiro. E assim foi, porque, quando, de manhã, a fêmea humana chegou para aleitar sua criatura, viu o rato ao pé do berço e se assustou; mas logo viu o gato dormindo (ou fingindo que dormia) ao lado da cria e compreendeu que o gato salvara a vida da criatura ou impedira que o rato a deixasse sem orelhas ou sem os dedinhos das mãos. E contou o que viu a seu macho, o homem, para que também ficasse grato ao gato, que lhes havia feito tão grande favor.

A partir daí, o homem deixou que o gato entrasse e saísse de sua casa quando bem quisesse, que se sentasse para dormir perto da lareira no inverno e descansasse no lugar mais fresco no verão; como oferenda, dava-lhe a cada dia um pouco dos melhores manjares que comia, e o gato às vezes aceitava e outras vezes não, conforme sua vontade. E era tal a submissão do homem e de sua família aos desejos do gato que, quando o homem ia se sentar em um lugar e encontrava ali o gato, retirava-se e sentava-se em outro lugar, porque cabia ao gato escolher primeiro o lugar em que se acomodar em cada momento, e, só depois que tivesse escolhido, o homem podia tomar lugar; e, se uma porta estivesse fechada e o gato se postasse diante dela e miasse para que a abrissem, o homem ou a mulher ou a criatura o acudiam imediatamente, e abriam e lhe davam passagem, porque o miado do gato era para eles uma ordem à qual não podiam desobedecer.

Naquela época, os homens costumavam ter aves em suas casas, para se deleitar com seus cantos ou com a cor de sua plumagem e gozar de sua companhia. Nas residências do homem havia pássaros canoros, galos e galinhas, gansos e outras aves, que se movimentavam livremente pelos quintais e aposentos, faziam companhia aos homens e a suas mulheres e brincavam com as crianças.

Isso deixava o gato muito irritado, pois as aves eram sujas e defecavam em todos os lugares, e não há coisa que incomode mais o gato do que a sujeira.

Além disso, às vezes, as aves, confiando na proteção de seus donos, se atreviam a bicar a comida que era oferecida ao gato ou a ocupar seus lugares favoritos. E, embora o gato as afugentasse, deixavam o lugar cheio de penas e de cheiro de excremento, de forma que o gato tinha de gastar muito tempo escavando o lugar e incomodando-se para afastar o mau

cheiro.

Por isso, decidiu expulsar as aves da casa e começou a caçá-las sem cessar, sem lhes dar trégua, de maneira que os homens encontravam, de vez em quando, uma pomba morta em cima da cama ou um ganso degolado no meio do quintal, ao lado do poço.

Como o pensamento dos homens não é muito ágil, levou um pouco de tempo para que entendessem o que tinham de fazer. Mas, por fim, entenderam e afastaram as aves dos aposentos das casas, trancaram-nas em gaiolas ou as enfiaram em currais, onde cuidavam delas e as alimentavam; desde então, não voltaram a ter galinhas nas alcovas nem pombas nas cozinhas. E o gato se assenhorou da casa do homem na condição de único dono.

Às vezes, quando chegava a época do cio ou lhe apetecia caçar em outro lugar, o gato saía da casa do homem, desaparecia durante dias e semanas e voltava quando bem entendia, porque não tinha de pedir permissão para entrar ou sair das casas, dos celeiros e das hortas dos homens; e quando o gato voltava para casa e o homem e a mulher o viam entrar pela porta ou o encontravam alojado em seu lugar preferido, ficavam muito felizes e diziam um ao outro “Olhe, o gato voltou!”, e lhe ofereciam comida ou se atreviam a deixar patente sua submissão passando a palma da mão no lombo do gato, que é a maneira usada pelos humanos para manifestar sua submissão aos gatos. E o gato, às vezes, arqueava o lombo e levantava o rabo, para mostrar

que aceitava aquelas mostras de submissão, ou, então, quando não estava de bom humor, bufava e exibia as unhas, para que o homem se retirasse e parasse de importuná-lo.

Um dia, o gato morreu e o homem se sentiu tão desamparado que quis conservar pelo menos seu corpo. Por isso, mandou chamar embalsamadores para que embalsamassem o corpo do gato, o mumificassem — como se fazia com as pessoas —, e o encerrassem em um pequeno ataúde, feito sob medida para o gato. Depois, o homem enterrou o gato com todas as honras, e, a partir daquele dia, considerou-o um deus e mandou fazer pinturas murais e pequenas esculturas com sua imagem.

Mas o gato havia deixado uma grande descendência sobre a Terra, e logo outros gatos vieram às casas dos homens, para ocupar os lugares que, por sua dignidade, lhes cabiam e receber mostras da devida reverência. E os homens se alegraram porque haviam recebido a visita da reencarnação de seu deus.

Foi assim que os gatos domesticaram os homens e se tornaram seus amos, e essa vassalagem dura até hoje.

Os seres humanos — pensa o gato — padecem de uma enfermidade congênita degenerativa que se chama a Razão. Essa doença afeta gravemente a qualidade de vida dos humanos e, quando não é tratada adequadamente, submetida a períodos mais ou menos longos de inatividade, pode ser letal para o espírito.

A princípio, a enfermidade mostra poucos sintomas. A criatura humana, chamada de bebê ou de criança pequena, tem a aparência e o comportamento da criança de um animal qualquer: com ela quando lhe oferecem comida (com o muitas crias, não é capaz de buscar alimento por si própria), dorme e sensatamente (quer dizer, sem preguiça que lhe apetece), faz suas necessidades sem problemas (em boca com pouca higiene: sua forma de se lavar buzar com os próprios excrementos não tem nada a ver com o asseio precoce dos gatos, que nem nos primeiros dias de vida admitem sem elhante porcaria) e usa as poucas horas que passa acordada para não fazer nada, não pensar em nada, ou se distrair com coisas insignificantes e efêmeras, próprias do presente, com o olhar suas próprias mãos à contraluz, dar gritinhos para ouvir a própria voz ou chupar um pé. Quando está à vontade, mostra sua alegria e, se está contrariada, também exprime seu aborrecimento, sem dissimulação. E, sobretudo, ainda não manifesta o sintoma mais grave da doença: a mania de planejar o futuro, de imaginar o que acontecerá (que talvez não aconteça nunca), o que provoca nos humanos um sério déficit de atenção quanto ao presente; pensando no que virá e talvez não venha, os humanos adultos acabam incapazes de perceber o que há ao seu redor. Estão sempre antecipando ou recordando, mais não prestam nenhuma atenção ao presente. Andam pela vida com o sonâmbulos, absortos em seus próprios pensamentos e isolados da realidade.

Os primeiros sintomas da doença Razão se manifestam quando o ser humano começa a adotar posturas estranhas. De repente, quase de um dia para outro, ele desiste de usar as patas dianteiras com o base de apoio e se esforça para manter

elas erguidas, apoiando-se apenas nas patas traseiras. É rara a criatura humana que não começa a manifestar esses sintomas ao chegar ao primeiro ano de idade. A

princípio, a sábia natureza pretende agir por suas leis, e a criatura humana, ao avançar com a cabeça bem na frente das extremidades traseiras que lhe servem de apoio, perde o equilíbrio e tende a cair; mais, por mais

ais que caia e por m ais que se m achuque, a enferm idade se im põe e o ser hum ano acaba adotando, para se deslocar, um a posição estranhíssim a, instável, apoiando todo o peso do corpo nas pequenas alm ofadinhas das patas traseiras, que logo com eçam a sofrer deform ações e, depois, a doer m uito.

Essa não é a única deform ação física de que o ser hum ano padece por culpa da doença Razão. A coluna vertebral, colocada em posição vertical (um a postura inverossím il), com eça a ficar rígida: um ser hum ano j am ais conseguirá se esticar, balançar a pélvis ou avançar com as patas dianteiras deixando estacionadas detrás as traseiras, provocando, assim , agradáveis estiram entos da coluna e da m usculatura adj acente, com o fazem os gatos. As vértebras dos hum anos enrij ecem , fundem -se um as com outras e perdem m obilidade; essa posição deve lhes causar, sem dúvida, dores enorm es. Com o consequência, tam bém se deteriora sua capacidade de correr e pular; nunca se verá um ser hum ano saltar com naturalidade da rua à j anela de um prim eiro andar, por exem plo, que seria o equivalente, em seu tam anho, ao que faz um gato quando sobe com um salto em um a m esa.

Outra das consequências indesej áveis das deform ações físicas causadas pela Razão é o fato de o ser hum ano raram ente ser capaz de adotar posturas côm odas.

Com o era de se esperar, sente-se desconfortável quando está em pé e sofre terríveis dores e efeitos secundários quando fica nessa postura durante m uitas horas, m as tam pouco encontra um a posição confortável quando está sentado ou deitado. Adem ais, por causa da deform ação de sua coluna, perde flexibilidade: não consegue m ais chupar um pé, com o quando era pequeno, tam pouco é capaz de lam ber os órgãos genitais, coisa im prescindível para se lim par. Com o resultado, sua higiene se torna deficiente, e, para se assear — j á que não é capaz de fazê-lo norm alm ente com a língua —, tem de recorrer a procedim entos estranhos e até perigosos, com o, por exem plo, subm ergir total ou parcialm ente na água.

No entanto, o pior são os danos neurológicos. A m ente dos seres hum anos segrega constantemente substâncias tóxicas, cham adas de ideias, que chegam a invadir todo o organism o. Não há pessoa hum ana que não arraste o peso de um a porção de ideias na cabeça. Na realidade, ter ideias não é ruim , m as os hum anos, em vez de ter cada vez um a única ideia, persistente e clara, com o fazem os gatos, têm m uitas ideias ao m esm o tem po, por um excesso de secreção de sua m ente.

O excesso de ideias faz com que estas se emaranhem e produzam um estado de confusão permanente, isolam o indivíduo do entorno, déficit cognitivo em relação a alguns sinais evidentes (são incapazes de pressentir os terremotos e as tormentas; não percebem a iminência do perigo; e, em consequência, nunca se colocam a salvo a tempo — os perigos sem pre os surpreendem, e, por isso, sofrem muitos acidentes); diante de uma situação de risco, em vez de fugir e se proteger em um lugar seguro conhecido, eles se entretêm analisando e tentando entender o que está acontecendo, e, por isso, quando querem reagir, já é muito tarde. Isso faz

com que os seres humanos sejam despreparados para enfrentar os perigos da existência: diante de um perigo, produzem ideias em vez de agir.

Outra consequência dessa saturação de ideias no cérebro é que os seres humanos são, em geral, incapazes de fazer coisas tão simples com o coração e deixar a mente vazia. Acha difícil — para não dizer impossível — chegar a um estado tão simples com o não pensar. Nem é preciso dizer que isso os impossibilita de viver o presente: seu corpo está aqui e sua cabeça está sempre em um lugar inexistente do passado ou do futuro aonde suas ideias os levam.

Nos casos mais graves da enfermidade Razão, as ideias chegam até a impedir o sono. Quando os gatos fazem suas incursões noturnas, muitas vezes ouvem claramente os seres humanos remexendo-se em suas camas, dando voltas sobre si mesmos: são as ideias que os impedem de descansar, com o sono, deitados no escuro às quatro da manhã, pudessem resolver alguns dos problemas que imaginam que os afetam e que, na maior parte das vezes, são apenas secreções provocadas por sua Razão. Só são capazes de conciliar o sono quando começa a amanhecer e o despertador toca.

Os gatos — penso — sempre sabem o que fazer com o corpo. Acomodam-se confortavelmente em qualquer lugar, de preferência quente e acolhedor: uma poltrona, uma almofada, uma pilha de papéis ou de panos, no retângulo das lajeotas aquecidas pelo sol que entra pela janela. Quando se sentam sobre as ancas e olham atentamente ao redor, em posição de alerta, parecem um vaso de porcelana peluda. Em outras ocasiões, acomodam-se em uma postura que recorda vagamente a de um frango assado, também peludo; nessa posição, às vezes colocam as mãos esticadas para frente, no gesto solenemente felino de uma esfinge em miniatura; mais, com mais frequência, quando estão na posição de frango assado, cruzam com naturalidade suas mãos sob o peito, numa postura relaxada que desperta certa

ternura porque as patas dianteiras ocultam sua condição de garras e adotam a aparência de um cilindro suave no qual encerram suas mãos e acias que parecem não ter ossos.

Tam bém gostam de dormir enroscados sobre si mesmos, em uma contorção inverossímil, na qual, no entanto, parecem se sentir bem confortáveis: colocam a cabeça entre as patas dianteiras (ou sobre elas) e o focinho chega a tocar a base da cauda — uma rosquinha de pelo suave. Quando a luz os incomoda, são capazes de tapar os olhos com o rabo, simulando uma máscara, ou de cobrir a cara com um dos bracinhos, em um gesto quase humano, infantil. Passam tantas horas nessa posição desconjuntada, que parecem que estão mortos. Só o leve vaivém da pele das costelas e do ventre, que sobe e desce com passadas entre ao ritmo de sua respiração profunda, indica que estão vivos.

De repente, abrem um olho, depois outro, e o que até então era um frango assado de pelúcia ou um cilindro de pelo sem articulações nem ossos se espreguiça lentamente: surgem duas garras terríveis, cheias de unhas afiadas, que agarram a superfície mais próxima, afastando muito os dedos; as patas dianteiras se esticam, revelando músculos bem delineados; as cadeiras balançam para trás e para frente (parece que as patas traseiras foram esquecidas pelo camião); e o lombo se arqueia primeiro para cima e depois para baixo, em um jogo no qual parecem se desenhar todas as vértebras por baixo da pele (não à toa

uma das posturas da ioga se chama “posição do gato”); um bocejo enorme exhibe caninos ferozes e uma língua que se assemelha a uma lixa rosada. Aquilo que há pouco parecia um boneco de pelúcia, um brinquedo delicado e inofensivo, se mostra durante um instante com o que é de fato: uma fera selvagem levemente domada e esticada, um bicho que poderia arrancar nossos olhos ou despedaçar nossa pele, se quisesse. Depois, giram duas ou três vezes sobre si mesmos, dando voltas no leito quente, e voltam a se acomodar para dormir mais algumas horas.

Fomos ensinados, desde a infância, que existe um Deus onisciente que está em todos os lugares e que tudo vê. O que pensaria esse Deus se se entretivesse em nos olhar agora, neste momento de paz familiar na sala de nossa casa?

No sofá estão três seres vivos: dois grandes e um pequeno. Os dois seres vivos grandes, cujos corpos imberbes estão envoltos em tecidos, se concentram, quase amontoados uns sobre os outros, em uma metade do assento do sofá; a outra metade está ocupada pelo ser vivo

pequeno, cujo corpo está com pletam ente coberto de pelo.

O ser vivo pequeno se acomoda no centro da parte disponível do sofá e parece estar confortável, com o ventre apoiado no tecido do forro. As patas traseiras estão dobradas, e os braços cruzados suavemente sob o peito. As orelhas, cobertas de um pelo mais fino que o do resto do corpo, estão eretas, em atitude de alerta, apesar de parecer cochilar.

Os dois seres vivos grandes não parecem, no entanto, sentir o mesmo conforto. O espaço é insuficiente para os dois, e, por isso, não estão apenas juntos, mas as praticam entre si. As pernas de ambos, dobradas em cima do assento, tentam se adaptar ao espaço exíguo encaixando-se entre si. Os torsos dos dois estão colados e o ser maior estreita com seu braço esquerdo o outro ser, encostado leveiramente em seu peito. Toda vez que um deles quer mudar de posição, o outro também tem de se mexer e se reacostar; enquanto isso, na outra metade do sofá continua havendo espaço de sobra, pois é ocupado apenas pelo animal pequeno e peludo, em torno do qual resta um amplo território livre.

De repente, os dois seres grandes parecem perceber — finalmente, pois tiveram dificuldade de se dar conta — que não estão confortáveis, apesar de, em teoria, estarem acomodados no sofá. Mudam de postura, procuram se acomodar melhor, e então têm, pela primeira vez, consciência de que um está quase em cima do outro. Os dois olham com surpresa para o gato, que ocupou a outra metade do sofá, e se perguntam com o animal tão pequeno foi capaz de encurralá-los dessa maneira.

Os gatos são apaixonados pela leitura; tanto, que às vezes não nos deixam ler, porque disputam conosco os textos impressos.

Quando estão lendo um livro ou jornal, interpõem-se entre nossos olhos e o texto, acomodando-se solenemente no papel; perguntam-nos, estupefatos, qual é a razão de seu fascínio pelo texto escrito, até que, um dia, por acaso, nos ocorre colocar a mão sobre o livro aberto: foi aquecido pelo calor da lâmpada que usam para iluminar a leitura; essa leve tepidez é imediatamente detectada pelo gato, que se acomoda no espaço confortável que fica entre a luz que nos ilumina e o nosso colo, também cálido. O papel do livro ou do jornal recebe os dois calores, o artificial da lâmpada e o natural do nosso corpo, e esse fenômeno

físico é entendido rapidamente pelo gato, que decide que o livro,

suavemente aquecido por cima e por baixo, é, naquele momento, o lugar mais acolhedor da casa: o lugar onde ele deve estar.

O único problema é que é um pouco difícil ler um livro ou um jornal com um gato sentado em suas páginas; mas esse problema é exclusivo dos leigos humanos, incapazes de entender o verdadeiro significado das coisas. Os gatos não veem nenhum inconveniente nessa situação.

Os seres humanos — pensa o gato —, em geral, sejam desajeitados e leigos, não deixam de ter certas habilidades surpreendentes.

Uma das coisas que mais chamam a atenção são suas patas dianteiras, em ambos os lados, de forma irregular e praticam sem pelo. Os seres humanos não costumam usá-las para se apoiar na terra e andar, como seria esperado; só às vezes, quando brincam com seus cachorros, adotam a postura normal de quatro patas. Mas, em geral, as patas dianteiras pendem inertes das articulações, obrigando os humanos a se sustentar em um equilíbrio instável sobre as patas traseiras, o que — diga-se de passagem — deixa as clavículas, o peito e o ventre expostos a todo tipo de ataque ou agressão. À primeira vista, as patas dianteiras humanas parecem órgãos atrofiados e inúteis.

Devem acrescentar a isso o fato de que eles são praticamente desprovidos de unhas. Ao invés das úteis unhas retráteis, que podem ser escondidas ou exibidas à vontade, as unhas dos humanos não passam de pequenas escamas aderidas à extremidade superior dos dedos e têm pouca utilidade, pois não servem para agarrar, para rasgar nem para se fixar nas superfícies. Em consequência, não podem trepar e têm de usar instrumentos para cortar as coisas, inclusive a comida.

Ainda por cima, têm a estúpida mania de não afiá-las; cortam-nas brutalmente, usando instrumentos metálicos que são uma verdadeira tortura. Sua mania de cortar as unhas os leva a cortar não apenas as próprias, mas também as de seus cachorros — que, sensatamente, costumam resistir chorando com berros lancinantes, sobretudo quando são muito pequenos — e, o que é pior, também tentam usar essa nefasta prática com os gatos, que, com toda razão, costumam se debater para evitar o suplício e, às vezes, não têm outro remédio além de desferir unhas com a vã esperança de que os humanos entendam, de uma vez por todas, para que servem as unhas e como devem ser usadas. Essas demonstrações didáticas, não obstante, costumam ser inúteis, e os humanos continuam insistindo em cortar suas unhas ou em cortar as de todos os seres vivos que os

cercam , inclusive as de seus próprios filhos.

Talvez essa prática de cortar as unhas tenha sido a responsável, ao longo do tempo, pela atrofia de suas patas dianteiras. Com o não afiam as unhas, tão pouco fazem os saudáveis exercícios de afiação com estiram ento, que ajudam a manter a musculatura dos braços em forma e flexibilizam a coluna vertebral.

Parece-me entretanto que vivendo, com o vivem , cercados de objetos ideais para a afiação (poltronas, sofás, tapetes, pés de cadeiras e de mesas, edredons recheados com plumas, colchas de renda, cortinas, caixas de papelão, tênis etc.) não aproveitem essa facilidade e já não afiem suas unhas.

As patas dianteiras dos homens não são, porém , totalmente inúteis. Isso se

deve à estranha configuração de suas garras e a forma engenhosa com o as usam .

Imagine os, por exemplo, numa situação corriqueira: há uma coisa desconhecida no chão. Nesse caso, o habitual é aproximar-se dela com cuidado para que, se estiver viva, não tenha tempo de fugir. Quando chegam ao perto, o normal é esticar depressa e, sem fazer barulho, com uma pata dianteira, tocar com o dorso da garra a coisa inerte e afastá-la imediatamente. Assim , poderão os checar, com esse pequeno estímulo da pata dianteira, se a coisa é capaz de se mover ou não. Se permanecer estática, o adequado será fazer outra exploração rápida com a mesma pata, com mais força, e atirar a coisa no ar; e aí, quando cair de novo no chão, pular em cima dela, agarrá-la com as garras dianteiras, e, deitando de lado, dar um golpe certo com as duas patas traseiras, a fim de quebrar seu pescoço. Dessa maneira, se a coisa já antes estava viva, certamente deixou de estar e, se for comestível, poderá ser ingerida. Se não for comestível, poderão os optar por ficar em pé e nos afastar dignamente, com o se não nos importassem os nem um pouco com a coisa já antes — de fato, uma vez explorada, já não nos importa —, ou guardá-la para uma ocasião melhor, atirando-a debaixo do sofá ou de algum outro móvel com um golpe certo da garra dianteira.

Os seres humanos nunca agem assim . Quando veem uma coisa no chão, aproximam-se diretamente, sem dissimular nem se esconder, de forma tão lerda que quando a coisa está viva sai imediatamente correndo e vai se esconder.

Quando chegam ao lugar onde a coisa está, agacham -se diante dela e abrem de form a extraordinária a extrem idade de sua pata dianteira, que realm ente não pode ser cham ada de garra porque é quase desprovida de unhas.

Essa capacidade da garra hum ana — vam os cham á-la assim — é algo assom broso: os dedos são m uito separados uns dos outros e providos de m últiplas articulações, de m odo que podem ser encolhidos e esticados de várias m aneiras.

Inclusive, é possível deixar uns dedos esticados e outros dobrados, dobrar em várias partes um m esm o dedo e até — coisa espantosa — opor uns dedos a outros. Assim , podem agarrar qualquer coisa e levá-la à altura do rosto, depositá-

la em outro lugar ou até esprem ê-la com os dedos e guardá-la dentro da garra, fechando os dedos e form ando com eles um a bola. Depois, abrem a garra à vontade, total ou parcialm ente.

Os dedos tam bém podem adotar diversas posturas, uns em relação aos outros: podem estar todos j untos, grudados entre si; separar-se totalm ente, deixando um grande espaço entre um dedo e outro; um dedo pode se afastar de todos os outros; os dedos podem unir suas pontas e form ar um círculo. São m uitas as posturas que os dedos podem adotar, e seria cansativo descrevê-las; além do m ais, quem nunca as viu j am ais conseguiria im aginá-las.

Essa qualidade da garra hum ana tem m uitas vantagens. Por exem plo, um ser hum ano pode acariciar a testa de um gato com dois dedos j untos, separar um deles e coçá-lo suavem ente sob a orelha ou sob o queixo (lugares que os gatos têm dificuldade de alcançar), percorrer a espinha dorsal do gato com um ou dois dedos e acabar, de form a inesperada, coçando sua barriga com todos os dedos em oposição ou fechar a garra e acariciar suavem ente sua cauda percorrendo-a

da base à ponta. Às vezes, inclusive, conseguem introduzir um dedo entre as alm ofadinhas das patas dianteiras do gato e coçar suavem ente ali, no m eio delas.

Além do m ais, todos esses m ovim entos são feitos com um a precisão incrível, levando-se em conta que esses anim ais se m ovim entam , em geral, de form a im precisa e lerda. São capazes, por exem plo, de adm inistrar progressivam ente a pressão das garras, acariciando ou coçando prim eiro suavem ente e depois com força, ou vice-versa; podem fechar os dedos apertando ou deixando um buraco entre eles;

podem dar batidinhas alternadam ente com um dedo, e depois com outro, e depois com um terceiro.

Essas habilidades lhes são m uito úteis quando se trata de conseguir com ida: abrem pacotes de ração com espantosa facilidade, e depois voltam a fechá-lo e guardá-lo em seu lugar, sem pre usando as garras. Alcançam coisas inalcançáveis, abrem portas fechadas e, de m anã, ao acordar em seus quartos, são capazes de afastar com as garras obstáculos que im pedem a entrada da luz do sol.

Talvez sej a o fato de conhecerem o poder de suas m ãos que leva os seres hum anos a ser, às vezes, arrogantes, apesar de serem anim ais extrem am ente im perfeitos.

Dizem que acariciar um gato prolonga a vida. Talvez essa superstição se deva à percepção de que acariciar um gato produz um prazer vivificante. Não se trata apenas da suavidade sedosa de sua pele. À m edida que vam os passando a m ão um a e outra vez pelo pequeno bosque de pelo m orno, sentim os um suave calor, um a fraqueza que se espalha do plexo solar ao centro do peito.

Se o anim al é carinhoso e procura nossas carícias ou, m elhor ainda, se com eça a ronronar, podem os passar vários m inutos absortos na tarefa de acariciá-lo, sem pensar em nada além do que sentim os nesse m om ento, naquilo que é transm itido pela pequena vibração do ronronar, que ninguém j am ais conseguiu explicar com o acontece. Estar absorto em algum a coisa, concentrado em um a única coisa é um a tarefa difícil para anim ais tão dispersivos com o os seres hum anos. Quando acariciam os um gato, nos aproxim am os ligeiram ente de com o deve ser a vida dos anim ais, focada no instante. O tem po parece ficar um pouco suspenso, e esquecem os m om entaneam ente nossas obrigações e urgências. Talvez sej a assim que nossa vida se prolonga, não no tem po, m as em intensidade.

Um ditado catalão diz: *qui no té feina, el gat pentina*. Quem não tem nada a fazer, penteia o gato.

Tam bém poderia dizer o contrário: quem penteia o gato, se o faz com o é devido, com a concentração necessária, suspende durante um tem po suas atividades, seus urgentes afazeres, e se concentra brevem ente no m ero fato de viver.

Um dos braços do sofá de couro está danificado. Prestando atenção, vem os cinco pequenas fendas, sem elhantes a cinco pequenos ilhós, ali onde o couro está rasgado. Quando as tocam os, parecem pequenas

pestanas, sem elhantes a essas pelinhas que às vezes se levantam nos dedos, ao redor das cutículas. Há cinco delas no braço do sofá da sala.

Tris-Trás j am ais afiava as unhas no sofá de couro. Havendo tantos elem entos

têxteis na casa (sofás, cadeiras forradas, a cobertura acolchoada do canapé, o grosso edredom que usávam os no inverno), afiá-las no sofá de couro teria sido com o afiá-las no ventre de um grande anim al adorm ecido. Talvez percebesse, com seu fino instinto anim al, a condição orgânica do forro: aquilo era couro e, salvo em caso de extrem a necessidade, o couro deve ser respeitado, para não irritar seu proprietário. Sabe-se lá o que pode fazer um sofá que, exasperado pelo gato que afia as unhas em seu ventre, se levanta de um pulo e se coloca em posição de defesa no m eio da sala; um sofá perseguindo você pelo corredor e atropelando-o, ou atirando-se sobre você com o m ais poderoso e elástico de seus saltos pode ser um a coisa terrível. É m elhor agir com prudência e não correr riscos desnecessários, porque um a coisa é encolher-se nas tardes de inverno no seio de um grande anim al — o sofá adorm ecido —, um anim al de sangue frio ao qual o gato oferece seu calor: a pele do sofá fica logo m orna ao entrar em contato com a pele do gato — e outra, m uito diferente, é sair por aí, provocando bestas m uito m aiores do que você. Nesses casos, o adequado é procurar um a convivência pacífica.

As cinco pequenas fendas do braço do sofá foram , na verdade, produzidas por um acidente: quando o m óvel era praticam ente novo, Tris-Trás, em um salto m al calculado, prestes a cair, se segurou com suas garrinhas no forro do sofá, que não era de tecido resistente (com o o do sofá antigo, que haviam os acabado de substituir), m as de um a pele irm ã da nossa pele. Tris-Trás, assustada, pulou im ediatam ente no chão e fugiu apavorada, aterrorizada por seu próprio fracasso (sua cauda parecia um espanador), e se refugiou no assento de um a das acolhedoras cadeiras que ficam em baixo do tabuleiro da m esa da sala de j antar, ali onde se acom odava durante as tem pestades.

Tris-Trás nunca soube se as cinco pequenas feridas haviam causado dor ao sofá, m as a verdade é que a vítim a não reagiu: talvez sua pele fosse m uito dura, ou, quem sabe, fosse um anim al m uito lento que, quando tentou ficar em pé, não encontrou m ais em seu cam po visual o pequeno agressor involuntário.

O sofá ficou im pávido, m as as cinco cicatrizes ainda estão lá, e são tratadas com carinho: lim pam os o couro suavem ente com um produto especial para que não se alastrem .

E agora que Tris-Trás partiu e suas garrinhas agudas desapareceram não sei onde — cinza que voltou à cinza, incinerada —, sou eu que sinto a dor dessas cinco feridas, pequenos estigmas lavrados por um ser que não existe mais.

Há seres luminosos, capazes de dar valor e sentido a coisas insignificantes.

Por exemplo, um gato chega a nossa casa, e objetos que antes desprezavam os, que estiverem os prestes a jogar fora porque não serviam para nada, adquirem utilidade, transformam-se em coisas valiosas, em pequenos tesouros.

Há muito tempo, lavam os aquele belo cachecol de *mohair* na máquina de lavar e, por engano, usam os um programa de lavagem inadequado. Nunca conseguimos entender por que, depois de colocá-lo para secar e constatar que fora danificado — estava com o plasmante endurecido e, portanto, impronunciável.

Não o jogamos imediatamente fora; em vez disso, nós o guardamos com cuidado em uma gaveta do armário, mesmo sabendo que já mais voltaríamos a usá-lo.

Passaram-se anos e, cada vez que arrumavam os o armário, pensavam os em

jogá-lo fora, mas alguma coisa nos detinha. E agora sabem os por quê: o cachecol inútil estava esperando por uma nova vida, por uma oportunidade de renascer. E essa vida nova chegou com o gato.

Não há nada mais agradável, quando se quer descansar no sofá em uma tarde de inverno, do que a companhia de um cachecol de mohair endurecido, denso, espesso, suave e, ao mesmo tempo, consistente e acolhedor. Corretamente dobrado, fica na medida exata para receber o corpo do gato, vergado sobre si mesmo na posição “frango assado”, tão bem chamada de “feito um bolo”. O

bolo peludo, o frango assado que usa casaco de pele, se encaixa no cachecol desprezado com o se fosse um bandeja de lã criada sob medida; para seu maior conforto, o gato primeiro o afofa levemente, ordenhando a lã enrijecida com suas garrinhas dianteiras, dá duas voltas sobre si mesmo e se aloja ostentadamente, dando-nos as costas. O cachecol sai de seu triste ostracismo e, cum pre, enfim, a função para a qual foi criado, que não é — com o haviam os acreditado erroneamente tempos atrás — a aquecer nosso pescoço, mas, uma vez convenientemente inutilizado para esse uso,

a de servir de abrigo para o gato.

Agora o mundo está em sua devida ordem .

Objetos feios e inúteis também têm o direito de viver novos avatares que possam dignificá-los. Um exemplo: o horroroso bonequinho que nos deram certa vez em um restaurante chinês — cortesia da empresa para clientes fiéis. Eram duas bolinhas de material sintético imitando algodão, coladas uma à outra: em uma das bolinhas havia, também coladas grosseiramente, duas contas de vidro preto e recortes de cartolina que imitavam os olhos, o nariz, a boca e um chapéu; na bola inferior, três círculos de feltro mais colados no algodão sintético simulavam três botões de um casaco imaginário; o conjunto pretendia imitar um boneco de neve: era Natal.

Não jogamos o bonequinho fora assim que chegaram à casa por uma estranha mistura de consideração e temor supersticioso. Tratava-se de um presente de ano-novo, e jogá-lo fora seria desprezar os bons augúrios dos chineses do restaurante, atirar na lata de lixo o ano que com ele começava. Acabou indo parar no fundo de uma gaveta.

Tris-Trás já vivia há tempos em nossa casa, quando encontram os, por acaso, o falso boneco de neve e o oferecem a ela. Recebeu-o com imensa alegria, com o sentimento de toda sua vida tivesse desejado ter um bonequinho como aquele. Passou vários meses sem se afastar dele: tanto o caçava e o atirava ao ar

— recuperando-o com um elegante pulo de tigre para então trucidá-lo com um golpe certo das patas traseiras —, com o que cingia delicadamente com os dentes e o transportava ao refúgio cálido das almofadas do sofá, onde adormecia abraçada com ele. O bonequinho de neve aparecia em todos os lugares: no meio do corredor, deitado depois de ter sido assassinado sem verter uma gota de sangue; sob a mesa da sala de jantar, quando varriam os; obstruindo o tubo do aspirador que fora passado em baixo do sofá. Quando nos levantávamos à noite para ir ao banheiro no escuro, era raro não pisar em uma coisa suave e mole: o afortunado bonequinho, que sempre estava no meio do caminho, a ponto de parecer ser o centro de nossas vidas.

Depois de tanta atividade, a bola de algodão que imitava a cabeça e a que

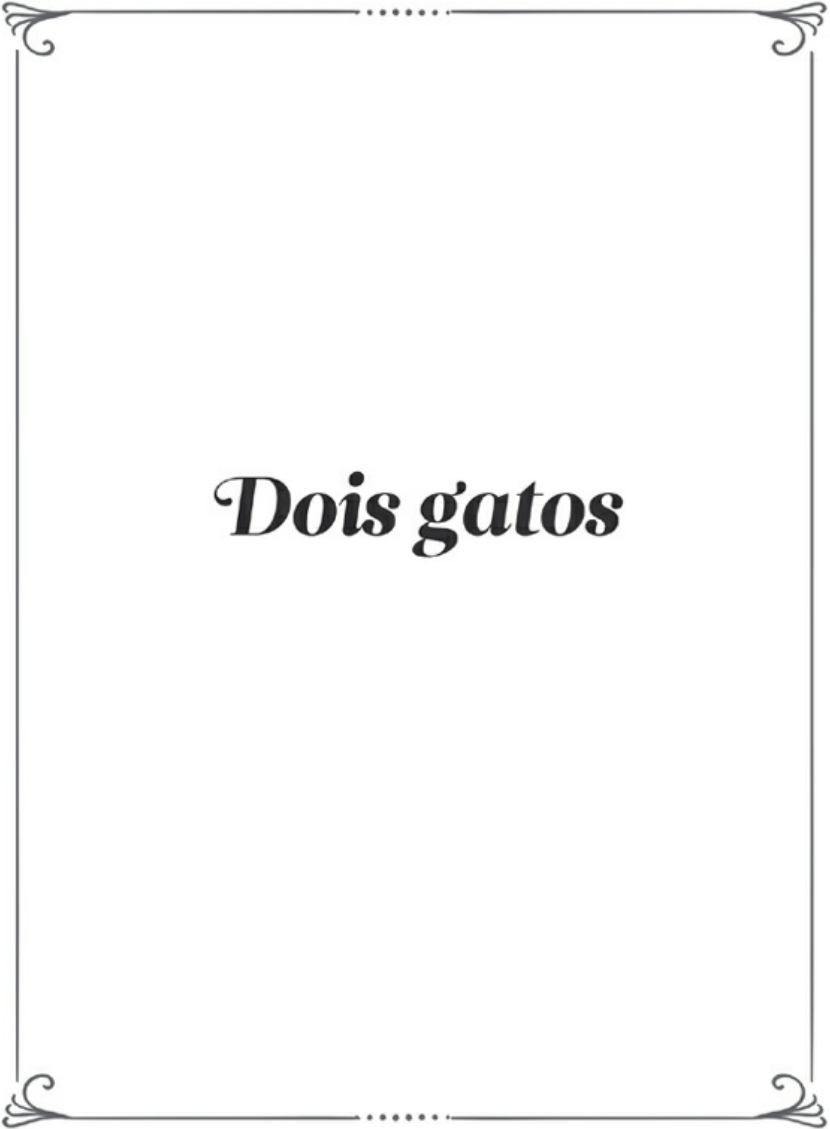
representava o corpo redondo do boneco de neve acabaram se soltando, mas Tris-Trás não pareceu se importar: dava a mesma atenção aos dois despojos do boneco destruído, com o se, de

repente, tivesse tido um par de gêm eos que em balava e caçava alternadam ente.

O boneco de neve, aquele obj eto infeliz e inútil, havia sido elevado por Tris-Trás à categoria de coisa im portante e, em consequência, ocupou m uitas horas de nossas vidas.

Outro exem plo: um fio. O fio am arelo que se desprendera da franj a da borla de um a alm ofada; ou sej a, o produto de um acidente. Um fio quase dourado, que se destacava no tapete de tons verm elhos, azuis e verde-escuros da sala. O fio que j azia im óvel no m eio do tapete: um a coisa digna de ser caçada. E m ais ainda quando eu segurei com as pontas dos m eus dedos um a ponta do fiozinho, e, puxando suavem ente, o fiz serpentear no chão. O fio adquiriu vida, um a coisa irresistível para um a caçadora nata com o Tris-Trás, que se agachou, balançou a cabeça para frente e para trás em um m ovim ento que servia para tom ar m edidas e calcular bem a distância para não falhar, e, então, com um im pulso poderoso das patas traseiras, executou um salto elegante e caiu bem em cim a do fio-pirilam po; aprisionou-o em suas garras, segurou-o com a boca, lançou-o um pouco m ais além e voltou a colocar sobre ele um a das patas dianteiras, para evitar que escapasse. Mas o fio não se m oveu; sem dúvida, j á estava m orto. Ela o caçara e m e olhou com o orgulho do caçador que acaba de abater sua presa; depois, se revolveu pelo chão, com a vítim a entre as garras, e, assim , deitada, estirou a coluna com o quem estica um arco, desfrutando plenam ente da indizível felicidade de possuir um fio.





Dois gatos

Arrancados bruscam ente de seu habitat e atirados em um território desconhecido, talvez hostil, os gatos com preenderam que tinham de sair de sua clausura e procurar rapidam ente um refúgio.

No habitat anterior, aquele que conheciam e dom inavam , haviam levado m eses para estabelecer os m arcos de seu território. Esfregando o lom bo onde fosse possível, foram deixando rastros da gordura e dos pelos de sua pele; escavaram em lugares m acios para

afotá-los e fazer um a cam a que logo ficava agradávelm ente im
pregnada pelo suor de suas alm ofadinhas. Escolheram tam bém um
lugar para fazer suas necessidades com cuidado, com o de hábito, e
enterrar os dej etos que, não obstante, não cessavam de lhes enviar
sinais do cheiro de suas glândulas anais. Aquele lugar era seu e de m
ais ninguém , em bora, generosam ente, tolerassem a presença de
outros seres vivos em seu território, com a única condição de que não
lhes usurpassem o terreno nem as presas.

Aqui, entretanto, nada cheirava a eles, nada tinha suas m arcas: não
havia nem sinal da gordura de sua pele, nenhum odor fam iliar, nem
podiam encontrar em nenhum lugar um pelo que lhes servisse de
referência. Estavam no m eio de lugar nenhum .

Mas tam pouco podiam ficar ali, trancados, expostos a algum ataque
vindo de fora ou, sim plesm ente, esperando que o cárcere se fechasse
de novo, com o j á acontecera antes, privando-os, definitivam ente, de
sua liberdade. Precisavam sair.

E saíram com rapidez e cautela, esperando que ninguém se desse
conta. As patas m uito curtas, o pescoço longo e as orelhas atentas,
quase desafiadoras, afastaram -se com um m ovim ento rápido — m
ais parecido com o deslizar ou o fluxo de água derram ada — em
várias direções para, fazendo um traj eto curto e veloz, refugiar-se
cada um em um lugar que parecia seguro e discreto. Ninguém poderia
vê-los ali.

Passaram quase um dia im óveis, espreitando cada ruído. Lá fora,
predadores im ensos se m oviam de um lado a outro. Procuravam ,
sem dúvida, algum a presa para devorar. Os gatos ouviam suas
pisadas, sentiam seus m ovim entos sem vê-

los, espiavam de seu esconderij o as som bras dos anim ais enorm es,
ouviam -nos revolver-se em buscas infrutíferas; até os ouviram com er.
Mas as guaridas eram seguras, tocas m uito pequenas para que
pudesse se enfiar nela algum dos predadores, e seu interior de m
adeira era abrigado e côm odo e preservava um calor agradável.
Sabiam que poderiam aguentar bastante tem po sem com er nem
beber se se m antivessem assim , im óveis, reservando energias;
portanto, tentaram relaxar e cochilar um pouco, sem perder, não
obstante, essa qualidade do gato que lhe perm ite dorm ir e estar
atento ao m esm o tem po: os olhos sem icerrados, as orelhas eretas,
prontas para captar qualquer som . Era apenas um a questão de não se
m exer nem fazer nenhum ruído.

Anoiteceu, e os grandes predadores se retiraram para dormir. Os gatos, quando tiveram certeza de que os predadores dormiam — uma coisa que souberam porque de suas guaridas saíam uns sons que só fazem os grandes animais quando dormem —, atreveram-se a se assombrar timidamente e, com passos aveludados, mudos, procuraram com ousadia e aproveitaram para reconhecer um pouco aquela terra incógnita. O novo território era enorme e, mas

não tão árido como temiam: por sorte, encontraram logo água e alguma coisa para comer. Depois, voltaram para suas guaridas seguras, dispostos a fazer tudo o que seus antepassados haviam feito desde o princípio: descansar de dia em um lugar abrigado e sair à noite para buscar água e comida. Haviam se dado conta de que os grandes predadores eram caçadores diurnos e, provavelmente, enxergavam muito mal à noite, o que lhes dava uma grande vantagem.

Na manhã seguinte, os grandes predadores acordaram, levantaram e começaram a procurar os gatos. Primeiro, esquadrinharam o entorno, procurando algum sinal de sua presença; depois, começaram a fazer barulho para tentar expulsá-los de suas guaridas, mas os gatos, sabiam bem, permaneceram quietos, em silêncio. Então, os predadores começaram a revolver tudo, a levantar o que estava ao seu alcance e olhar em baixo, a fuçar nos lugares mais recônditos. Ao final, um dos predadores disse: “Tris está em baixo da mesa do canto, ao lado do aquecedor, e Trás se escondeu atrás da televisão”.

De seus refúgios seguros, agora inesperadamente descobertos, nos olharam com surpresa um par de olhos dourados e outro de cor azul-marinho.

Paciência, essa é a virtude que, de novo, nos ensinam esses dois gatos recém-

chegados. Habitados ao imediatismo, queriam os ter tudo logo: a graça de seus movimentos, a suavidade de sua pele. Gostariam de poder pegá-los já, acariciá-los, em balá-los em nossos braços, fazê-los brincar com a bolinha colorida e com o fio de algodão em cuja extremidade há um ratinho de lã tão bem feito que parece de verdade. Mas eles impõem o ritmo de sua desconfiança inicial.

Qualquer passo em falso será um passo para trás e nossa precipitação poderá retardar a conquista de sua confiança por dias ou semanas. Por isso, tem os de fingir que não os vemos, que não sabem os que estão aqui. Espiam os dissimulam entre os lugares em que eles,

prudentes e receosos, foram se refugiar. Quando os localizam os, olham os para eles com o se não os víssem os —

certam ente, acham que são invisíveis quando se escondem atrás da cortina, através da qual transparecem , contra a luz da j anela, as orelhas pontiagudas em um a cabecinha erguida sobre um pescoço exageradam ente alongado; talvez pensem que, quando entardece, não enxergam os na penum bra da sala na qual ainda não foram acesas as lâm padas a som bra negra que se acom oda em um canto. Sem dúvida, quando enfiam a cabeça em baixo do aquecedor, som os incapazes de ver o resto do corpo que sobressai: ancas de um branco nacarado, a curva do lom bo sem elhante ao início de um ponto de interrogação. Fingim os, portanto, que são invisíveis, e confiam os em que eles acreditem que o são.

Tam pouco os ouvim os. Por exem plo: quando estávam os lendo sentados no sofá, não sentim os esses passinhos de borracha que deslizavam velozm ente sobre o parquete, no traj eto inesperado de um esconderij o a outro. Nem essa noite ouvim os da cam a em que pareciam os dorm ir um a corrida breve nem o som am ortecido (plaf!) de um anim al (não sabem os qual dos dois) aterrissando em suas patas dianteiras, desabando em algum lugar. Espreitam os seus sons fingindo indiferença e, na prim eira vez em que os ouvim os com er na escuridão da noite, reprim im os o desejo de levantar e correr para checar se, de fato, alguém estava

com endo, com o se a m astigação de pequenas bolinhas de ração felina fosse um som cotidiano a m ais entre os m uitos que povoam a m adrugada —

sim plesm ente, o ruído do m otor de um carro passando pela rua; os passos do vizinho de cim a que se levantou para ir ao banheiro; o som do j ato da torneira; um a persiana m adrugadora sendo levantada. Alguém com e, m astigando conscienciosam ente na escuridão as duras bolas de ração, e nós nos com portam os com o se não soubéssem os que esse som só pode ser produzido pelos gatos, por algum dos dois gatos, ou talvez pelos dois ao m esm o tem po, pois talvez com partilhem , irm anados, a vasilha com sua com ida. Adorariam os ter levantado para checar, m as continuam os quietos, aguçando o ouvido e fingindo dorm ir.

São eles que nos escolhem , que escolhem o m om ento. Nós sim plesm ente esperam os, fazendo-nos de desentendidos. Com o rabo do olho, vem os um a som bra preta verter-se de um a prateleira do m óvel da sala e chegar ao chão.

Com o se não percebêsem os, espiam os discretam ente os passos silenciosos de um a pequena pantera negra que explora com cuidado o corredor e, de repente, desaparece atrás de um a porta entreaberta que leva a um m undo novo (nosso dorm itório). É Trás, que, enfim , decidiu abandonar seu esconderij o atrás da televisão e se aventura a reconhecer um território incógnito, m as com extrem o cuidado, com as patas encolhidas e os sentidos atentos, incapaz de resistir à sua curiosidade felina — felinos não conseguem viver em um lugar antes de o explorarem conscienciosam ente —, m as agindo com o se soubesse que a curiosidade m atou o gato.

Ao cair da noite, os gatos adquirem confiança e com eçam a sair. O prim eiro a se aventurar, em bora tim idam ente, é Tris, sem pre m ais ousado. De detrás da cesta de papel que fica em baixo da m esa do escritório, no espaço escuro entre a cortina e a parede, em erge um corpo elástico e longo, atlético, com o o da deusa Bastet das esculturas egípcias; só que não é um a deusa, m as um deus nacarado, totalm ente branco, sem um único pelo colorido em todo seu corpo. Agora, na penum bra da casa m al ilum inada por focos de luz indireta, parece ligeiram ente fosforescente.

De repente, aos passos de Tris se une, com um trotezinho apressado, um a som bra inteiram ente negra, brilhante, redonda, com pernas um pouco curtas (as patinhas, naturalm ente, são desproporcionais em relação ao corpinho, arredondadas, bem fem ininas).

Aí estão os dois: um *yin-yang* sem ovente, preto e branco (ou branco e preto, se seguirm os a ordem de entrada em cena), m asculino e fem inino, um sím bolo da harm onia que desliza com cuidado pelo tapete da sala. Por fim , os vem os j untos desde que saíram pela prim eira vez, assustados, das caixas de transporte e foram se refugiar cada um em um esconderij o diferente, seguindo a sábia estratégia intuitiva dos anim ais em fuga: separar-se para desconcertar o inim igo; oferecer duas presas que escapam em direções opostas, cada um a dando a si m esm a e à outra m ais possibilidades de sobreviver.

Agora, j á parecem suficientem ente seguros para se exibirem um ao lado do outro, e nós agradecemos os esse gesto com o se nos presenteassem sua confiança.

O dia não pode existir sem a noite, nem a noite sem o dia.

Beber é um a atividade necessária, m as perigosa. Quando a tarde cai, o sol com eça a se pôr e o calor do dia am aina; das suaves som bras azuladas com eçam a em ergir corpos que, cuidadosam ente, quase se

arrastando, aproximam-se da margem do rio e começam a beber. Os grandes carnívoros predadores, que também vieram beber, espreitam sem iocultos no meio dos pastos e dos matagais das cercanias das margens — eles não têm apenas sede, mas também fome.

Atrás do chapinhar das línguas na água se pressente um mundo de leves rangidos, de patas que caminham com cuidado, procurando não ser ouvidas.

Alguns animais se escudam no grupo para se sentir mais seguros e bebem em manada; apostam, assim, com a estatística da vida e da morte: se um predador cair sobre eles, só morrerá um indivíduo e o resto da manada conseguirá fugir.

Outros, solitários, bebem apressadamente, levantando de vez em quando a cabeça para avaliar o perigo aguçando as orelhas (enquanto bebem, o próprio som de suas línguas levando a água à boca em carnosas colheradas os impede de ouvir o caçador que se aproxima). Todos têm ânsia de saciar sua sede (é a única vez em que bebem ao longo do dia abrasador) e pressa para se afastar da margem perigosa em torno da qual se movem entre as matadoras, enquanto a noite começa a cair.

Assim é beber na Natureza, e nossos gatos — esses desconhecidos que ainda estão avaliando o território incógnito do nosso pequeno apartamento —

reproduzem no espaço urbano os mesmos padrões de comportamento: já mais bebem quando estão os olhando; esperam para beber à noite, quando estão ausentes, mergulhados no sono. E quando, por acidente, entram no banheiro quando um dos gatos está bebendo na cuia de porcelana cuja água renovam os a cada dia, o animal levanta a cabeça e foge, apavorado. Não se refugiam em um canto onde nós, os predadores, poderíamos aprisioná-los: tentam fugir para um lugar aberto, às vezes passando, com os duendes, no meio de nossas pernas. Seus corpos elásticos, felinos, escapam pelo corredor e os perdem os de vista.

Só mais um tempo depois, quando, por fim, estiverem convencidos de que nós também somos os gatos e não — com o parecia — grandes carnívoros, serão capazes de beber tranquilamente em nossa presença, dando-nos as costas.

Uma tarefa imensa, era isso o que os esperava. Não podiam ficar tranquilos antes que todo o território estivesse mais inocente

explorado e assinalado com suas m arcas; um novo território a colonizar, repleto de surpresas. Um território que às vezes parecia se am pliar. Quando, cautelosa e conscienciosam ente, j á acreditavam que haviam exam inado por com pleto um aposento, abria-se um a porta inesperada que dava a outro aposento do m esm o tam anho ou m aior, um território virgem do qual ninguém ainda fizera um m apa de cheiros, de m arcas de gordura e de pelos.

Aplicavam -se, incessantem ente, em esfregar o lom bo em todos os lugares, im pregnando cada um dos obj etos com seu odor, perceptível apenas para eles m esm os. Farej avam cada canto, cada esquina, cada batente, cada pé de m esa ou de cadeira, e depois arqueavam o lom bo e o esfregavam criando um novo m arco: obj eto m arcado. E assim foram m arcando tudo, não apenas as coisas firm em ente assentadas no solo, m as tam bém os obj etos frágeis e instáveis: os vasos oscilavam levemente, am eçando cair, quando recebiam a carícia fugaz

de um lom bo de pelo branco ou preto. Ainda por cim a, havia na casa centenas, talvez m ilhares, de obj etos, e nenhum fora m arcado. Os com putadores, o m aterial de escritório, o estoj o dos óculos, a m oldura de um quadro ou de um a fotografia, os livros que deixávam os sobre a m esa apareciam no dia seguinte levemente deslocados de seu lugar. A televisão avançou alguns centím etros, até chegar à beira da prateleira: havia sido m arcada por trás por dois corpos atléticos que agiam coordenadam ente em seu trabalho de estabelecer as novas fronteiras da casa.

Conquistaram tam bém as alturas: plantaram -se de um salto em cim a da m esa, em um m ovim ento quase suicida, porque não sabiam o que iam encontrar lá em cim a (da altura de um gato não se vê o que há sobre o tabuleiro de um a m esa, que percebem m ais com o um dossel e não com o um a plataforma a firm e onde é possível subir). Com pulinhos escalonados, chegaram ao cum e da estante da sala, aproveitando desníveis im perceptíveis, pequenos pontos de apoio, em escalada livre; de lá de cim a dom inavam bem o conj unto do território, m as o problem a era descer: um corpo totalm ente branco, nacarado, serpenteia de cabeça para baixo de prateleira em prateleira, até que se atira, em um salto final, no chão. “Plof!”, e até nós percebem os a expressão de desagrado que os gatos adotam quando aterrissam de repente, abusando da flexibilidade das articulações de suas patas dianteiras.

Mas a tarefa parecia não ter fim . Quando m enos esperavam , novos m undos apareciam dentro do m undo j á dem arcado: um arm ário se

abria e tinham de se enfiar nele com um salto, sub-repticiam ente, (por algum motivo, os seres humanos nem sempre se mostram cooperativos com esses exercícios, fundamentais, de exploração e demarcação do território), arriscando-se a ficar trancados por um descuido qualquer; mas era necessário seguir em frente, era necessário examinar as toalhas limpas bem dobradas e empilhadas, as caixas de sapatos e seus odores variados e interessantes, trepar depressa pelos ternos pendurados e acomodar-se nos suéteres de lã, deixando-os cheios de pelos brancos, de pelos negros, que, misturados, davam um toque cinza ao *mohair* e ao *shetland* de cores vivas.

Depois descobriram que os armários também tinham gavetas, nas quais era impossível penetrar, correndo riscos, sem saber o que iam encontrar lá dentro. E, uma vez examinado seu interior — dois pequenos lençóis, um branco e outro preto, se empinavam sobre suas patas traseiras, esticando muito o pescoço —, não havia outro remédio a não ser saltar para dentro e pisotear os objetos ali contidos, amassando-os, se fosse possível, com as garras dianteiras, para deixar a marca do cheiro das almofadinhas: marcamos um arco, marcamos um território conquistado.

Era um trabalho esgotante, ao qual dedicaram todo o tempo que passaram acordados durante as primeiras semanas.

Até nós fomos marcados. Fingindo que nos acariciavam, esfregaram seus costados peludos inúmeras vezes nas pernas de nossas calças. Conseguiram que confundíssemos aquele gesto, que equivalia a lavar a roupa de suas posses, com uma demonstração de carinho — e nós, felizes, nos agachamos para acariciá-los: e assim deixaram também marcas nas nossas mãos, os nossos braços. Quando

vieram os nossos dar conta, tinham os um rabo peludo — branco ou preto —

esfregando-se entusiasmados em nosso rosto: já estavam os assinalados com o seu até as sobrancelhas. Em poucos dias, haviam se apropriado da casa e de tudo o que ela continha, inclusive de nós mesmos. E nós, encantados, chegamos à conclusão de que aqui, naquele que até então considerávamos o nosso território, eles podiam ser felizes.

Todo esse trabalho de demarcação requeria uma estratégia. Não se conquista um território desconhecido na sorte, sem nenhum sistema a.

Um a estratégia ou, dizendo m elhor, duas estratégias com binadas, porque cada gato parecia ter seu próprio m étodo de conquista do território.

Tris, o Valentão, se lançava à conquista do desconhecido com o um relâm pago branco, arriscando o corpo. Era o prim eiro a se precipitar pela fresta da porta entreaberta que dava ao m undo inexplorado de um aposento no qual ainda não havia entrado. Saltava do chão às m esas sem olhar, que é com o quem salta do sopé de um a m ontanha ao cum e sem saber se ali há um a m eseta, um pico, a cratera de um vulcão ou um m ar de areias m ovedigas. Metia-se sem hesitar em todos os cantos e, com um salto quase invisível, se enfiava em todos os arm ários.

Trás, a Cautelosa, observava atentam ente os m ovim entos do Valentão sem se levantar da alm ofada em que estava aloj ada. Esquadrinhava o horizonte do sofá sem se m exer, ficava em boscada atrás da planta decorativa da sala ou ia se refugiar no assento de um a das cadeiras da sala de j antar, bem protegida debaixo do tabuleiro da m esa: um a guarida perfeita da qual podia observar sem ser vista, porque é óbvio que ninguém sabia que ela estava ali. Quando a olhávam os, ela desviava a vista ou fingia cochilar (quando você não olha, não é visto).

Depois se aventurava pelo terreno previam ente tateado por Tris, seguindo seus passos quando constataba que não havia nenhum perigo. Mas tam bém avançava sozinha pelos territórios que estivera espreitando m inuciosam ente de algum dos esconderij os. Por isso, às vezes, a encontrávam os no lugar m ais inesperado: quando não estávam os olhando, deslizava com passos suaves, sem fazer barulho, até o lugar que queria descobrir por si m esm a, e com eçava a exam iná-lo palm o a palm o, sossegadam ente.

Os lugares que eram obj eto de exploração tam bém pareciam ser distintos.

Com o dois estrategistas bem organizados, dividiam o território para exam iná-lo, cada um conform e suas possibilidades e recursos.

Tris parecia ser o encarregado de conquistar os lugares elevados: a superfície das m esas, das prateleiras e a parte superior dos gaveteiros dos arm ários; esquadrinhava até os dintéis das portas e a m oldura superior das j anelas, com o se estivesse considerando as possibilidades de conquista.

Trás rastreava sobretudo os cantos e os esconderij os das partes baixas.

Descobriu com alegria que atrás de cada um a das portas havia um espaço entre a folha e a parede: um buraco perfeito onde um , dois ou até m ais gatos poderiam se enfiar e ficar com pletam ente invisíveis; além disso, no batente da porta, ali onde ficam as dobradiças, havia um a pequena ranhura aberta que servia de postigo: era a guarida ideal.

As plantas da sala costum am ficar em vasos que às vezes são tão grandes que

um gato pode se em boscar perfeitam ente atrás deles, assom ando apenas, no m eio de um a selva de folha de fícus ou de dracena, um a cabecinha negra que parece recortada em cartolina.

E, sobretudo, havia os banheiros, deliciosam ente frescos e cheios de m eandros. Trás descobriu um esconderij o atrás de cada privada; e quando a divisória da banheira ficava, por azar, entreaberta, tinha a alternativa de se enfiar em um m undo acetinado e cálido (em bora um pouco úm ido, m as isso não parecia im portá-la), no qual era im possível ser vista. Descobrim os que o banheiro havia sido explorado por causa dos rastros de alm ofadinhas m olhadas que m arcaram no parquet e o itinerário seguido na volta da expedição, da banheira até a poltrona m ais confortável da sala de estar.

Os sistem as exploratórios eram , por outro lado, perfeitam ente com patíveis com a m orfologia de cada gato.

Tris, espigado e elástico, era perfeito para exam inar as alturas. Durante as prim eiras sem anas, a postura em que o víam os com m ais frequência era a do lêm ure: de pé sobre suas patas traseiras (os m úsculos delgados esticados ao m áxim o, as patinhas dianteiras levem ente apoiadas em algum a superfície vertical); o corpo erguido atingindo a longitude m áxim a; o pescoço inacreditavelm ente alongado; e as orelhas atentas, em um a extensão exploratória prévia para tom ar im pulso e subir em qualquer lugar com um salto gracioso que parecia não ter peso, um salto que invej ávam os e que fazia com que nos sentíssem os um pouco hum ilhados: nós, pobres anim ais atrofiados, nunca poderíamos fazer nada sem elhante.

Trás, por sua vez, era um a bolinha preta de couro. Parecia rodar pelo chão com o um a borla de pelo sedoso e brilhante. Nem a ouviam os nem a víam os quando deslizava silenciosam ente sob os pés das cadeiras e das m esas, às vezes no m eio de nossas próprias pernas. De

repente, a encontrávamos os espreitando de um lugar, escondida atrás de uma porta ou solenemente apostada em uma almofada ou em cima de uma prateleira (sem premissa baixa) da estante de livros. Nunca entendíamos como chegara ali.

É melhor ter dois gatos em casa do que ter um. Constatamos isso quando —

agora que já ganharam confiança e não nos temem nem nos evitam — saem juntos, quase ao mesmo tempo, de algum esconderijo e os vemos andar em uníssono na mesma direção, espelhando um ao outro (branco ao lado do preto, preto ao lado do branco, como se refletissem em um espelho que tivesse a capacidade de refletir as imagens em negativo). Sentimos, então, uma leve inquietude de quem tem a impressão de estar vendo em dobro.

Às vezes, aparecem majestuosos e indolentes, e, na mesma idade do caminhar, a mesma estade desaparece subitamente e se transforma em um espetáculo um tanto cômico: os gatos simétricos, de andar ligeiramente sinuoso e serpenteante, desviam inadvertidamente suas respectivas trajetórias, andando cada um no sentido equivocado, e acabam confluindo e se chocando. Acabou a solenidade: a parcomioniosa comitiva, cujos componentes têm um grande senso do ridículo, se dissolve; cada gato trota em uma direção distinta e vão se refugiar, um pouco humilhados, cada um em baixo de um móvel diferente.

Há, também, brincadeiras das quais não podemos participar. As correrias

noturnas que ouvimos vagam do outro lado da porta do nosso quarto, que fechamos quando vamos dormir; o “plof!” de uma almofadinha aterrissando no chão não sabemos de que altura; uma corridinha ligeira sobre o parquete, seguida de um pequeno trote um pouco mais pesado, e de repente patas cheias de unhas derrapando sobre o solo de madeira; uma porta corrediça que desliza no silêncio da noite enquanto pensamos, cochilando: “esses bichos voltaram a abrir o armário do quarto de hóspedes”, e tentamos não despertar tratando de lembrar que peça delicada e cálida estarão amaciando agora com suas patinhas peludas das quais, quando é necessário, emergem unhas que parecem navalhas.

É melhor ter dois gatos em casa do que ter um. Um gato ou brinca conosco ou brinca sozinho, ensimescado em alguma atividade cinegética (caçar uma bolinha de papel ou um fio, descobrir em baixo

de um a cadeira o botão que caiu da nossa cam isa e transform á-lo em um a presa que corre por toda a casa). Mas dois gatos brincam com eles m esm os, lutam , se divertem e se aborrecem , se evitam e se procuram , em um a relação da qual nós só podem os ser espectadores: j am ais serem os capazes de esticar um palm o de língua para lam ber Trás, com o Tris faz quando os dois se alisam m utuam ente ao sol invern al que entra pela j anela do escritório; Tris lam be com energia, depressa, com pulsivam ente, o lom bo, o rostinho e as orelhas de Trás, e ela, por sua vez, o lam be de form a m inuciosa e lenta, m ais sistem ática e suave, um a m aneira de lam ber que poderiam os cham ar de artesanal. Abraçados um ao outro em um a m assa alvinegra, form am um a figura circular, um a bola de pelo bicolor na qual é difícil distinguir que são dois anim ais; então, m ais do que nunca, são a im agem do *yin* e do *yang*.

Todos os gatos padecem de um a enferm idade congênita cham ada *cálculos mentais*. Em bora benigna, trata-se de um a doença crônica. Alguns especialistas hesitam em considerá-la um a patologia e a atribuem a um a m utação genética espontânea, própria da espécie, sem caráter patológico, que até pode ter favorecido a sobrevivência desses anim ais.

Os cálculos m entais se caracterizam pela tendência de as ideias do gato se cristalizarem , form ando no cérebro pequenos cálculos de extraordinária dureza.

Assim com o outros m ateriais biológicos, com o a m adeira ou os excrem entos, podem chegar a se fossilizar com o passar do tem po, transform ando-se, respectivam ente, em m adeira fóssil ou nos cham ados coprólitos (que não são nada além de m erda fossilizada ao longo de m ilhares de anos), as ideias do gato tam bém tendem a se fossilizar, transform ando-se em pequenas pedrinhas m uito duras, de superfície m uito polida, que costum am durar tanto quanto a vida do gato, pois nunca se dissolvem de form a espontânea e são avessas ao tratam ento.

A única coisa que se pode fazer é, às vezes, substituir um desses cálculos por outros, que costum am ser m aiores e m ais duros do que os anteriores.

A diferença entre o processo de fossilização da m adeira ou do cocô e o endurecim ento das ideias na m ente do gato é que este últim o processo é produzido a um a velocidade espantosa e costum a ser provocado pela repetição de um m esm o ato. Podem bastar duas ou três repetições para que um a ideia se fossilize no cérebro dos gatos,

transformando-se em um cálculo mental quase impossível de ser eliminado.

Apresentaremos a seguir alguns exemplos que podem ilustrar o processo de formação dos cálculos mentais do gato. Imagine os que você, um dia, ao acordar de manhã, encontra o gato deitado no meio do sofá e lhe ocorre acariciá-lo energicamente no lombo e na barriga, enquanto profere palavras carinhosas. Se fizer isso uma única vez, o risco de que essa ação crie uma pedrinha na mente do gato é mínimo; mas se você repetir essa mesma ação duas ou três vezes seguidas, em dias sucessivos, a cristalização da ideia “quando ele se levantar, tenho que deitar no sofá para receber suas carícias” é quase inevitável.

Se essa ação for acompanhada por outras, com o a de levantar as persianas para que entre a luz do dia, a associação das duas ações produzirá um cálculo mental mais aior e mais duro. De qualquer forma, você pode estar gripado, pode ser domingo (dia em que, em geral, os seres humanos se levantam mais tarde) ou pode estar agonizando em seu leito de morte, que, indefectivamente, o gato solicitará, com pedidos exigentes, seu direito de que as persianas sejam levantadas e seu lombo seja energicamente acariciado, sem pressa na mesma hora do dia. Isso se deve ao fato de que a ideia dos atos associados se fossilizou em um seixo mental. Ademais, nesse caso concreto, ao associar as ações realizadas a determinada hora do dia, o cálculo mental pode ser benéfico para a manutenção dos ritmos circadianos do seu gato.

Outro exemplo poderia ser o das portas. Se uma porta fica habitualmente aberta, cria-se no cérebro do gato um pequeno cálculo mental que fará com que, se um dia, por casualidade ou por necessidade, a porta estiver fechada, o gato exija que ela seja aberta não apenas com pedidos, mas arranhando o batente ou dando saltos elásticos para alcançar a maçaneta e tentar abri-la (coisa que alguns gatos conseguem fazer).

Alguns cálculos mentais são associados à comida, o que levou alguns especialistas a reforçarem a teoria de que não se trata, realmente, de uma patologia, mas sim de uma mutação genética positiva para a sobrevivência (nos referimos à sobrevivência do gato; não foi demonstrado que tenham os mesmos efeitos benéficos para a sobrevivência das pessoas que convivem com ele). Um exemplo: se seu gato está habituado a comer ração seca em uma vasilha de plástico e um dia você lhe serve comida enlatada em um pratinho de louça, é possível que surja, imediatamente, um cálculo mental, sem

que sej a necessária sequer a repetição do m esm o ato. Basta fazer isso um a vez para que, a partir desse m om ento, sem pre que você usar um a peça de louça (prato, copo, vasilha) e produzir acidentalmente um ruído com ela, o gato reaja rapidamente e reivindique, aos berros, com ida enlatada, a qual ele apreciava mais que ração.

Por outro lado, a existência de cálculos mentais não afeta a vida nem a saúde geral do gato, pelo contrário: observou-se que gatos pouco inteligentes ou *border line*^[1] (que também existem) produzem menos cálculos mentais do que gatos normais ou muito inteligentes. Em geral, os gatos parecem viver muito felizes com suas ideias petrificadas intactas, e até poderiam os dizer que têm orgulho disso.

Para evitar a formação de cálculos mentais, procuramos alterar nossos hábitos, fugir da rotina sempre que possível. As portas estarão algumas vezes

abertas e outras fechadas. Não existem aposentos acessíveis ou inacessíveis, mas momentos, distribuídos sem ordem ao longo dos dias; às vezes, é possível entrar em um lugar e outras vezes não. Evitamos fazer sempre a mesma coisa na mesma hora. Distribuímos as carícias ou compartilhamos as brincadeiras com os animais em horas intermitentes, arbitrárias. Queremos evitar, assim , a formação do cálculo mental *agora é hora de brincar*, porque sabemos que determinar uma hora para as brincadeiras é assinar um contrato que vigorará pelo resto da vida; os gatos exigirão que cumpramos as suas cláusulas no mesmo instante em que deixarmos de cumprilas; com os credores tirânicos, eles não terão piedade de nós se os habituarmos a alguma coisa concreta e não pudermos, um dia, atender a esse hábito, transformado em obrigação. Por isso, alteramos os sutilmente nossos ritmos, para que os gatos não nos acoercentem a eles. Constatamos, de passagem , com a nossa vida é rotineira e que nós mesmos somos os animais cheios de hábitos.

É difícil fazer as coisas cada vez de uma maneira, porque, acomodados em nossas rotinas, estamos habituados a agir de forma mecânica.

Dessa forma, graças aos gatos e tentando evitar sua pequena tirania, redescobrimos um pouco nossa própria vida. Percebemos que coisas iguais podem ser feitas de maneiras diferentes. Inventamos novas formas de agir.

Depois de um tempo, substituímos as velhas rotinas por outras novas, tão interiorizadas e mecânicas quanto as anteriores. Mas, em bora não

possam os evitar repetir todos os dias os mesmos gestos, os mesmos horários, os mesmos hábitos, agora tem os mesmos a consciência disso. Mudam os algumas coisas, mas antes as outras, condescendem os com a forma ação inevitável de alguns cálculos mentais nas cabecinhas teimosas desses animais maníacos. E, aos poucos, vamos os tecendo com eles um pacto de convivência no qual as normas nem sempre são impostas por nós.

Assim, vamos os aprendendo a dar atenção a pequenos detalhes. Por exemplo: deixar sempre a porta entreaberta para que os gatos possam entrar no banheiro onde está sua vasilha, seu bebedouro e a caixa de areia. Mas também a outras pequenas coisas, não tão imprescindíveis. Foi assim que percebemos os que Trás não gosta de fazer a posição do frango assado em cima da almofada verde, a que tem em volta dela uma sanefa amarela que imita folhas de acanto um pouco inverossímeis; quando está na almofada verde e bebe, a gata preta evoca, vagamente, a maneira com o, nas ilustrações dos contos de fada de nossa infância, os pajens apresentavam as jóias aos reis e aos príncipes: a coroa de ouro, o cetro, o colar de pérolas ou o anel de diamante descansavam em uma almofada marrom de uma cor que ressaltava seu brilho. Assim descansa Trás, imediatamente deitada no centro da almofada, a pele preta brilhante, estática e solene, com o se estivesse pronta para ser oferecida com o um a jóia, um presente valioso. E nós, quando vemos os que a almofada foi colocada em pé, apoiada no respaldo do sofá, imediatamente os ligeiramente sua posição e a colocamos deitada no assento, de maneira que perde sua condição de objeto para o uso humano e se transforma em um tapete preparado para horas de meditação felina. Fazemos isso simplesmente para satisfazer Trás se ela, mais estática e fingindo não nos dar importância, decidir sair do esconderijo em que estiver e aparecer por fim na sala. Então, assim, nossa contribuição ao seu

pequeno prazer de se acomodar em seu lugar preferido, não agora, mas quando lhe ocorrer procurá-lo. Sem pressa. Ficamos os mesmos delicados, mais atenciosos, menos centrados em nós mesmos e atentos às pequenas necessidades ou, nem sequer isso, aos pequenos desejos de um ser também pequeno, que queremos os agradar em troca de nada — em troca, simplesmente, de sua presença.

Dessa maneira, os gatos nos educam, nos habitua a pensar nesses detalhes ínfimos nos quais antes não reparávamos, a nos preocupar com o conforto dos outros, com fazer ou não fazer não pensando apenas no imediato, nem nas nossas próprias necessidades, mas em um luxo supérfluo, o de fazer com que o animal se sinta confortável quando ele quiser.

Aos poucos, podem os ir aprendendo a agir da m esm a m aneira com os seres hum anos, nos quais antes m al reparávam os. Um a vez adquirido, graças aos gatos, o hábito de pensar nos outros, de lhes facilitar as coisas, de lhes oferecer generosam ente as com odidades que ainda não nos pediram , podem os acabar nos antecipando aos desej os e às necessidades daqueles que nos cercam . E, assim com o colocam os a alm ofada em posição horizontal para m aior com odidade de Trás, recolhem os espontaneam ente nossos pertences para deixar livre o assento contíguo no m etrô ou no ônibus; prevem os que aquela senhora que está com um carrinho de bebê talvez precise de ajuda para descer a escadas; ou levam os a xícara do café da m anhã ao balcão da lanchonete para que o único garçom não tenha de abandoná-lo para arrum ar a m esa que acabam os de ocupar. Dessa m aneira, sem quase se incom odar, passivam ente, os gatos vão nos recordando a m ais elem entar regra de cortesia: pensar em pequenas coisas que podem tornar a vida m ais fácil.

É m elhor ter dois gatos em casa do que ter um , porque a m elhor com panhia para um anim al é a de outro anim al, e não a nossa. Nós, carcom idos por nossa própria racionalidade, esquecem os que som os anim ais e não sabem os m ais nos com portar com o tais, com essa naturalidade despreocupada, com essa confiança na vida que os anim ais exibem .

A m elhor com panhia para um anim al é a de outro anim al da m esm a espécie: só entre eles é possível estabelecer laços de com panheirism o, im possíveis de criar com os seres hum anos.

Um exem plo: Trás está com odam ente deitada em sua alm ofada preferida, praticando a posição do frango assado; com os olhos sem iabertos, cochila placidam ente. E Tris, introm etido, se aproxim a por trás e com eça a im portuná-la suavem ente: coloca sua pata sobre as ancas de Trás, com eça a lam ber seu lom bo e m ordiscar seu pescoço até que Trás, que hoj e não está com vontade de brincar, m as de ficar tranquila, desliza da alm ofada — quase seria possível dizer que se verte, tão fluida e cuidadosa é sua form a de se soltar — e vai se refugiar em outro aposento da sala. Tris, então, sobe na alm ofada recém -abandonada, cheira-a, e, com a boca entreaberta, com o os gatos fazem quando querem aguçar o olfato, inala ou quase saboreia o cheiro deixado ali por sua com panheira, um cheiro que eu não percebo.

Outras vezes, é Trás que cheira atentam ente Tris, passando seu narizinho achatado pelo focinho ou pelas glândulas perianais do m acho castrado, ali onde está seu cheiro m ais próprio, peculiar. Nós

estam os excluídos desse intercâmbio

de odores, um diálogo mudo, desse prazer de aspirar o aroma que acham os ares de suas partes mais íntimas: já mais nos ocorreria uma coisa tão anti-higiênica e, mesmo o que tentassem os, não teriam os nenhum prazer, apenas uma sensação de asco que eles ignoram. Há relações que só os animais podem ter entre si e a nós só resta observá-los, com os espectadores mudos e discretos, abstendo-nos de intervir para não reprimir atitudes que para eles são cheias de significado.

Nesse lugar, Trás é invisível. Atrás do móvel do equipamento de som da sala há um pequeno espaço no qual os gatos desaparecem da vista dos humanos. Trás se refugia ali de vez em quando; senta-se, apoiando-se nas patas traseiras, com o torso ereto e os olhos arregalados e olha para a gente, sabendo que nós, em breve a olhem os, não podemos vê-la. Ela está convencida de que seus olhinhos dourados, que brilham com os botões de âmbar na penumbra do canto, são imperceptíveis para nós. Em breve pousem os nossa vista sobre ela, tão pouco podem os ver as duas patinhas dianteiras juntas, nem as orelhas pretas, eretas, que escutam sem perder nenhum detalhe: a postura de uma menina aplicada, atenta, em silêncio.

Trás se sente segura nesse lugar, nos observa sem tirar os olhos da gente, e nós, delicadamente, procuramos os antes essa inteira piedosa e evitamos olhá-la diretamente. Nossa vista faz uma varredura de sua silhueta, fingindo não vê-la, e, caso possa nos entender, perguntamos aos berros: “Onde está Trás? Faz tempo que não a vejo...”.

Em uma *petshop* vi uma asa de veludo cor-de-rosa. Estavam presas em um arnês em uma vitrine cheia de roupas para cães: havia jeans para cães, uniformes colegiais para cachorrinhos e cadelinhas (o delas, com saia plissada), agasalhos e casacos quadriculados, impermeáveis, que imitavam os antigos de látex, com gorro com binando.

Os agasalhos e os impermeáveis, em breve bastante ridículos, podem ter uma utilidade: abrigar o animal, protegê-lo da chuva. Mas qual é o sentido de passear pelas ruas com um cachorro alado? As asas cor-de-rosa para cães (suponho que para uma cadelinha imitada) são uma humilhação desnecessária que um gato já mais aceitaria.

Ainda recordo aquela vez em que quisemos os colocar em Tris-Trás uma coisa tão simples com o um colar. Era um colar um pouco brega ou fútil, sem dúvida: de tecido preto felpudo, salpicado de gotinhas de *strass* que imitavam diamantes.

Em bora, sem dúvida, Tris-Trás não pudesse avaliar a cafonice estética nem entender a alusão im plícita à frase que diz que os diam antes são os m elhores am igos das garotas, rej eitou-o im ediatam ente.

Foi m uito difícil e precisei de aj uda para colocá-lo, porque Tris-Trás, em outras coisas tão dócil, se debatia nos m eus braços sem violência, m as com extrem a habilidade, tentando se safar. Por fim conseguimos colocá-lo, e então a gata deslizou para o chão e, com toda naturalidade, agachou a testa, pegou o colar com as duas patas dianteiras e o tirou tranquilam ente pela cabeça em m enos de um segundo.

Nossa absurda tentativa de adorno de um anim al que j á era bonito por si m esm o e não precisava de enfeites ficou abandonada no m eio do assoalho da sala, deixando patente o que era: um obj eto inútil.

Tris-Trás se recolheu, aborrecida, em um de seus refúgios favoritos — o

assento de um a das cadeiras da sala de j antar — sob o dossel protetor do tabuleiro da m esa. Ficou ali durante horas, sem se deixar ver, com o um a rainha ofendida, em um a m uda proclamação que, traduzida para a linguagem hum ana, queria dizer: “Mais respeito. Sou um anim al, não um a Barbie”.

E assim passeiam os gatos pela nossa vida, nus, orgulhosos da nudez de seus corpos elásticos e m usculosos sob a pelugem espessa.

Pelas características do aparelho vocal, distinguem -se duas subespécies de gato: os sonoros e os silenciosos.

Os gatos sonoros — cham ados tam bém de m iadores, *pimporrantes* e até de *puericantores*^[2] peludos em item um a grande variedade de sons de distintos volum e, intensidade e longitude. Parecem ter um a linguagem própria, que só usam para se com unicar com os seres hum anos, pois quando se com unicam com outros gatos em item uns sons (bufos, gritinhos e coisas assim) com pletam ente diferentes dos que em item quando tentam se relacionar com hum anos; provavelm ente, isso se deve ao fato de que o gato tenta falar o idiom a hum ano, com pouco êxito articulatório, m as de form a efetiva no que se refere aos resultados que provoca. Porque, de fato, o gato *puericantor* é capaz de produzir m iados desarticulados, m as de grande eficiência com unicativa.

Em nosso pequeno m undo, Trás é um a gata silenciosa, que se m ovimenta com cuidado, e quando m ia, o faz levem ente, com um a

pequena lam úria desm aiada, longa e m im osa, com o se seu corpo gordinho tivesse com eçado a m urchar. Tris, por sua vez, usa, quando quer se com unicar, um a grande variedade de registros, que vão desde o grito perem ptório até o m iado queixoso; algum as dessas vozes se parecem inquietantem ente com o gem ido de um recém - nascido.

O problem a é que tendem os a hum anizá-los. Sem perceber, falam os com eles usando o m esm o tom que usam os para nos dirigir aos bebês: a entonação e as palavras que usam os para nos com unicar com quem ainda não possui o dom ínio da linguagem , m as que supom os ser capaz de distinguir o sentido da m ensagem pelo tom e pelo volum e de nossa voz. Conversam os com eles, carinhosos, ou lhes dam os ordens energicam ente. Tem os a im pressão de que conseguimos os que nos entendam (outra coisa, com pletam ente distinta, é que nos ouçam , e não podem os dizer que nos obedeçam).

Por fim , os gatos acabam tentando falar nosso idiom a. Usam para se com unicar conosco, para pedir ou exigir, uns m iados que, se prestarm os bem atenção, verem os que não usam j am ais para se com unicar entre eles. Mas sabem im itar de m aneira inquietante o choro de um a criança, e por isso os m iados dos gatos, quando são insistentes, nos causam um extrem o desassossego, sobretudo às m ulheres: nosso instinto m aternal, de proteger as crias, é ativado diante do lam ento de um gatinho insistente e tirânico, que acham os, erroneam ente, desvalido, convencidos de que os anim ais dependem da gente (é claro que dependem para algum as coisas: nós lim itam os o espaço pelo qual se m ovim entam , seu acesso à com ida e à bebida). Diante desses m iados, tão sem elhantes ao choro de um a cria hum ana, acabam os por claudicar e conceder-lhes o que nos exigem com seus alaridos lastim osos.

Alguns seres hum anos, patologicam ente, chegam a sim ular um a relação fam iliar espúria com os anim ais dom ésticos; cham am a si m esm os de “papai”

ou “m am ãe” de um gato, de um cachorro, de um canário ou de um a iguana. Eu sou a “m am ãe” desses dois seres pequenos e hirsutos que pululam pela casa, que se enfiam nos arm ários, que sobem de um salto das prateleiras e em ergem inesperadam ente de cada canto; onde não os haviam os visto se m eter? Mas são dois gatos!

Não são crianças, não são bebês. São seres adultos e, com o tais, capazes de se virar sozinhos e dotados, às vezes, de um a sabedoria para a vida que nós não tem os. Por isso, quando ficam os m uito

chatos com nossos mimosos, eles também fazem um a pequena unhada que nunca chega a tirar sangue, mas os coloca limpos e exige respeito; é sua maneira de dizer “não sou um brinquedo, não sou sua cria; sou um adulto de outra espécie”.

Tris e Trás gostam muito de trabalhar, e por isso hoje foi um grande dia: fiquei fazendo tarefas domésticas, inclusive um transplante de plantas de um vaso menor para outro maior.

É verdade que, por suas características anatômicas, os gatos não estão preparados para fazer esse tipo de trabalho caseiro, mas, dentro de suas limitações, procuram ajudar em tudo o que podem.

Por exemplo, a abertura dos pacotes de nutrientes para plantas externas e internas e de húmus foi saudada com grande entusiasmo. Tris e Trás perceberam imediatamente que de dentro deles saíam odores muito interessantes e contribuíram para distribuí-los primeiramente esfregando-se, ambos, alternadamente mas com insistência, nos pacotes recém-abertos. Depois, enquanto eu fazia o transplante, colaboraram espalhando a terra, com seus apetitosos aromas de campo, pelo chão da cozinha, através de um procedimento rudimentar mas eficaz: enfiavam primeiramente as patas em um montículo de terra, escavavam, e então cavavam

por

todo

o

com partimento,

e

então

se

revolviam

conscientizam-se sobre os ladrilhos da cozinha.

Quando terminamos o transplante, eles me seguiram até o novo destino das plantas e me ajudaram a plantá-las, passando o lombo pelos novos vasos. Alguns vasos, com o tempo, ficaram um pouco tortos, mas assim certamente receberão melhor a luz do sol.

Depois, tivemos os de varrer a cozinha, na qual, apesar de todos os meus esforços, se derramara um pouco de terra. Tris e Trás com petiram para mim e ajudaram, caçando alternadamente as cerdas da vassoura. Quando consegui fazer um montículo com o varrido, e antes de colocá-lo na pá, Tris se sentou com cuidado em cima dele, para protegê-lo bem e evitar que escapasse.

Então, tive de lavar o chão. Os gatos com pensaram sua inabilidade (são incapazes de encher o balde de água e levá-lo da pia ao chão) ajudando-me e a checar se o solo estava bem esmolhado, com o dever ser quando se lava. Para isso, nada melhor do que passar as quatro patas (ou melhor, as oito patas, quatro para cada animal) em cada um dos ladrilhos.

Quando examinei a lavagem e com provei que havia feito tudo muito bem, eles se retiraram com toda a dignidade para a sala, sem esperar que eu lhes agradecesse, deixando pelo caminho um rastro das almofadinhas úmidas,

marcando seu itinerário com os Pequenos Polegares peludos.

Embora os animais sejam castrados, às vezes Tris se comporta como o macho que é. Quando sua companheira está acomodada tranquilamente em uma almofada, ele se aproxima por trás, com uma lambe-la e, depois, a apalpar suas ancas com suaves golpes da mão direita; me antendo as unhas recolhidas, chama a sua atenção com delicadeza, mas cada vez com mais insistência.

Trás, preguiçosa, o observa com indolência: não está com vontade de brincar agora. Mas Tris insiste, se apoia em suas nádegas, segura-a pela nuca com seus dentinhos brancos, com suavidade, mas com firmeza. Trás, incomodada, com uma reação, vira-se levemente, aperta o rabo contra o corpo enquanto o macho, excitado, procura uma fresta para tentar montar nela.

A coisa acaba com certa violência: Trás, já decididamente indignada, solta, primeiro, um miado desmiado, com o qual se desincha, e depois bufa e se agita, lançando contra o rosto de Tris uma garra; em seguida, deliberadamente, não atinge seu objetivo. A cada uma das quatro unhas abertas, semelhantes a pequenas navalhas translúcidas, o assusta; Tris acaba se afastando e lambe suavemente as virilhas, no meio das quais se entrevê uma pequena protuberância rosada.

Mesmo o castrado, ainda é macho. A vida tenta abrir passagem até mesmo por caminhos possíveis.

Conhecendo a história deles, o estranho é que estejam vivos.

Na verdade, só conhecem os fragmentos de sua história. Sabem os, por exemplo, que eles não são gatos de boa origem, não nasceram em casa de família. Provêm de uma sociedade protetora de animais e são o que se chamam animais abandonados, recolhidos *in extremis* em um curral no qual se amontoavam cães, gatos, porcos e galinhas. Alguém trancou ali, amontoados, exemplares de todas essas espécies, talvez pensando que assim os ajudava. Há uma patologia pouco estudada — uma espécie de síndrome de Diógenes em viés zoológico — que leva alguns as pessoas desequilibradas a recolherem todos os animais que encontram e que acham que são desvalidos, acreditando que os protegem, abrigando-os em condições lamentáveis. Os animais, incompatíveis entre si, privados de liberdade e mal alimentados, atacam uns aos outros, adoecem, morrem desnutridos ou feridos. Até que um vizinho se queixa do barulho, do cheiro ou dos uivos incessantes dos cachorros enlouquecidos pela prisão.

Namais das vezes, os animais resgatados vão parar em um canil e acabam sacrificados. Chegam com feridas e mal alimentados, cheios de parasitas, desequilibrados, às vezes agressivos. Ninguém quer animais assim.

Havia, no entanto, nesses dois gatos, uma inquebrantável vontade de viver.

Cheios de pulgas e de carrapatos, atacados por longas brigas e ácaros, comendo a mesma comida dos porcos e das galinhas, conseguiram sobreviver. Talvez tenham sobrevivido exatamente porque estavam juntos: um gato e uma gata inseparáveis, que se protegiam e se defendiam mutuamente e que, provavelmente, em sua pré-história de animais não castrados, tiveram várias gerações de filhotes dos quais não sabem nada, nem sequer se algum deles está vivo. Trás talvez tenha amantado dezenas de gatinhos que foram morrendo, um atrás do outro, atacados pela leucemia ou devorados pelos cães e

porcos.

De qualquer maneira, souberam se adaptar e sobreviver ao lado de animais bem maiores do que eles, conviveram com cães e porcos sem inselvagens, ávidos por carne fresca. Daquele período restam algumas marcas em seus corpos: uma cicatriz no focinho de Trás e a ponta quebrada do rabo de Tris.

E agora, quando voltam os para casa depois de um dia de trabalho, os dois, Tris e Trás, correm para nos receber assim que ouvem o barulho da chave na fechadura; chegam com um passinho alegre e, carinhosos, passam alternadam ente seus lom bos (branco e preto, preto e branco) em nossas pernas; exigem carícias e desabam no chão exibindo suas barriguinhas sedosas para que as cocem os suavem ente. Espanta que sej am tão dóceis, tão crédulos, que tenham tanta certeza de que não vam os m achucá-los. Espanta que sej am tão tranquilos, sem receios e sem m edos; que, com um passado repleto de dor e de m edo, não sej am ariscos nem agressivos, m as carinhosos e confiados. Alegram -se quando nos veem , sem dúvida, m as, sobretudo, alegram -se por estarem vivos. E nós adm iram os sua capacidade de sobreviver e — diga-se de passagem — sentim os orgulho por term os sido capazes de conquistar sua confiança irrestrita.

Quando era m enina, vi expostos em um a vitrine do Museu de Ciências vários crânios de felinos. Estavam distribuídos escalonadam ente, do m ais velho ao m ais novo, do m aior (um espécim e fossilizado de tigre com dentes de sabre) ao m enor. Espantou-m e constatar com o era pequeno o crânio do gato e, sobretudo, com o sua form a era plana, m e levando a im aginar um a testa inexistente ou, ao contrário, um a testa que se prolongava em um a linha horizontal, quase reta, da narina ao occipício. Parecia im possível que naquele crânio pudesse caber o cérebro de um ser vivo.

Naquela época, a inform ática ainda não se dissem inara, não era acessível aos usuários privados e, portanto, não estavam os habituados aos suportes m iniaturizados que arm azenam inform ação; seriam necessários m uitos anos para que nosso trabalho de m uitos m eses ou as im agens de toda um a vida coubessem em um *pen drive*, em um setor de um disco rígido ou em um m inúsculo pedaço de um a nuvem . Então, para poder funcionar, as coisas precisavam ser m aiores do que hoje e em dia.

Por isso, parecia-m e inacreditável que o crânio de um gato, onde m al cabia a sem ente de um a noz, pudesse abrigar tantas coisas: ideias fixas lim ítrofes da m ania; a ternura graciosa com a qual sua cabecinha pede nossos carinhos; as associações de ideias que nos fazem perceber que o anim al é um ser vivo e não

— com o poderia parecer — um boneco de pelúcia ou — com o tantos outros quiseram acreditar — um robô. E, sobretudo, m uita sabedoria: a que lhe perm ite encontrar no verão o lugar m ais fresco da casa e, no inverno, o m ais quente; a que faz com que, m esm o quando está fam into, rej eite instintivam ente um alim ento estragado capaz de

intoxicá-lo (é muito difícil envenenar um gato); a que lhe permitia dormir doze ou quatorze horas por dia e, no entanto, manter-se plenamente em forma, com os músculos tonificados e o corpo ágil, dosando habilmente exercícios de estiramento ao longo do dia, entre um a sesta e outra.

Uma sabedoria espontânea do corpo que nós, animais leigos e rígidos, instáveis em nossos pés, só podemos aspirar a adquirir parcialmente e depois de muito

treinamento físico e mental.

Trás ronrona, acomodada em meu colo. Distraidamente, acaricio com suavidade sua cabecinha sedosa, até que meus dedos tropeçam em uma estria inesperada. Então, presto atenção e encontro em ambos os lados de seu focinho, disfarçada no meio do pelo curto de sua cara, uma arca de uma ferida simétrica, uma cicatriz que dói só de olhar: uma boca grande um dia aprisionou esse pequeno focinho; não pode ter sido outro gato, mas um animal maior, talvez um cachorro.

E então imagino a dor insuportável, o fio de sangue, o animal fugindo desesperadamente e se refugiando em um lugar seguro; dias sem poder com ele enquanto a ferida dói e dói e vai se fechando aos poucos; por fim, o animal, se sobrepondo à sua pequena desgraça — uma desgraça insignificante para o mundo, desconhecida de todos, imensa para ele —, consegue beber, com ele um pouco; o animal então é lacerante mas necessário, e tem o sabor de um sangue que é o seu.

Aquela dor deve ter cedido lentamente, à medida que cicatrizava. E agora Trás parece ter se esquecido daquele desastre que quase lhe custou a vida e que teve de enfrentar sozinha, com a dignidade dos animais feridos que querem viver.

A princípio, quando tentavam os pegá-los, sentiam os em nossos dedos toda a tensão dos músculos de um animal que tenta fugir. Nós, animais imensos, conseguíamos agarrá-los em um momento de distração, segurá-los por baixo das axilas e envolver facilmente sua caixa torácica em nossas mãos. Mas não sem resistência: notávamos os sob a pele suave pequenos músculos de aço se contraindo e se esticando, e o animal aprisionado conseguia se safar; quando insistíamos em segurá-los, surgiam, de repente, de suas patas traseiras, navalhas duras, afiadas, que se impulsionavam em nosso corpo e escapavam dando um pulo ágil. O

animal, fugia facilmente aprisionado, fugia e corria para se esconder em

algum lugar inacessível, em baixo de um a m esa ou atrás de um a porta entreaberta.

Agora, j á confiam em nossas boas intenções, em bora nossa vontade de abraçá-los às vezes os incom ode. Com o há pouco, quando interrom pi a sesta de Trás para pegá-la no colo. Um a pequena foca de pele reluzente abriu os olhos, surpresa, tentou escapar das m inhas m ãos aproveitando o brilho de sua pele e, com o não conseguiu, fez um a expressão contraditória, que revelava, ao m esm o tem po, desconforto e confiança: as patas traseiras e dianteiras apertam , suavem ente, sem garras, m eu peito, em um a tentativa de fuga, m as sua cabeça peluda se apoia, tranquila, em m inha m ão, procurando um a carícia, enquanto o corpo com eça a trem er em um ronronar profundo, com o se no interior dessa foquinha de pelúcia funcionasse um m otor a diesel.

Esses nervos. Esses nervos que transform am esse gato, Tris, em um feixe de nervos. Diante da prudente tranquilidade de Trás estão os sobressaltos de Tris, sem pre retesado com o a corda de um arco.

Tris é sem pre o prim eiro a correr para nos receber quando abrim os a porta de casa, ao voltarm os do trabalho. Pode estar dorm indo placidam ente, acom odado na m elhor poltrona, m as, quando ouve a chave girar na fechadura, dá um salto, atira-se no chão sem sequer se espreguiçar, com o se tivesse sido im pulsionado por um a m ola, e dirige-se à porta em um a corrida suicida cercada

de alaridos.

Esfrega-se em nossas pernas, passa o lom bo com vigor (ao contrário de Trás), nos ataca, em purra, dá um a volta e volta a atacar com toda força. Um feixe de m úsculos elásticos e nervos à flor da pele.

Segue-nos pelo corredor sem parar de m iar, cruza várias vezes nosso cam inho. Costum am os tropeçar ou pisar nele sem querer, m as ele parece feliz, sem parar de dar os gritos de alegria de todos os dias, de todas as noites. Só para quando nos vê sentados e, então, sobe na gente com um pulo, chuta nossas pernas dando voltas sobre si m esm o, prepara com as garras um a cam a em nosso colo, destroçando nosso suéter, exige carícias nos em purrando com a cabeça e com o lom bo e, se não lhe dam os atenção, faz um a coisa inverossím il para um gato: dirige sua m ão à nossa, com as unhas cuidadosam ente guardadas para não nos m achucar, e, com a garra fechada, guia nossa m ão à sua cabeça, para que a cocem os atrás da orelha, em baixo do queixo.

Quando obedecem os a seu im perioso pedido, recebe as carícias com entusiasmo: se contorce em cima da gente, exibindo a barriguinha coberta de seda branca, um ventre que somos os obrigados a acariciar. Depois se revolve sobre si mesmo em contorções inverossímeis, lambendo um pé, caça no ar seu próprio rabo, que se interpõe em seus movimentos alvoroçados, volta a nos atacar com força e, com ternura, pega de novo nossa mão para indicar onde quer que o acariciemos (às vezes nos apresenta a cabeça, outras o lombo); volta a dar voltas perseguindo-nos uma a vez seu próprio rabo, que foge, volta a exhibir as unhas, nos toca, em bora com cautela — limita-se a afogar nossa roupa, raramente roça nossa pele —, e, finalmente, esgotado e feliz, deita-se longitudinalmente, esticado, sobre uma de nossas pernas, nos olha, revira os olhos e deixa cair um braço de cada lado, com o fazem os leões quando cochilam trepados no galho de uma árvore. Genes felinos: imita a postura de seus ancestrais em uma savana que Tris nunca viu, e nós, que, sim, conhecemos a savana, os leões e sua sexta dos documentos da televisão, procuramos ficar imóveis como se fossemos os acácias em um páramo. Não querem os perturbar seu descanso; depois de um tempo, percebemos que adormeceu e que a perna que o suporta também está dormindo.

Os pedidos de carícia de Trás são bem menos imperiosos, mas mais queixosos: um miado lamuriante com a boca fechada, com o seu animal murchasse lentamente por um pequeno orifício invisível. Um gemido que provoca ternura e desperta em nós o sentimento de proteção que guardamos para os seres indefesos. A pele negra, sedosa, com um brilho de azeviche, desliza suavemente no meio de nossos tornozelos, uma e outra vez. Esperaríamos que com esse miado tênue, mais prolongado, Trás demonstrasse de volume: um pequeno saco de gemidos murchando. Mas não: continua tão rotundamente feminina com o seio; as nádegas redondinhas, as patinhas macias com o seio não tivessem garras; a cabeça também redonda com suas pequenas orelhinhas pontiagudas.

Todas as formas arredondadas nos parecem desvalidas e infantis.

Até que o corpo mole e vaidoso se estica, ficando em pé. Trás chega a alcançar uma longitude inesperada, e, com suas garras dianteiras recém -

reveladas, começa a trepar por nossa perna com a habilidade de um praticante

de escalada livre. A gata trepa, sobe por nosso corpo, outra vez transformado em tronco de árvore, e procura a carícia de nossa mão

direita. Nós a acariciam os longam ente, contem plando com estranheza suas afiadas unhas de fera com edida.

Essa higiene extrem a dos gatos, que adotam posturas inverossím eis para se assear, alisando sua pele com a escova áspera de suas línguas! Às vezes, cada gato se alisa sozinho, lam bendo-se m inuciosam ente: prim eiro o peito e as patas dianteiras, as m ãozinhas peludas (a lim peza das m ãos costum a incluir m ordidelas rítm icas nas unhas, nas alm ofadinhas e nos espaços elásticos que ficam entre os dedos, com a garra aberta); depois, o anim al se curva sobre si m esm o, se retorce para lam ber o lom bo, dos costados à coluna vertebral, para então chegar às ancas. Em seguida, um a das patas traseiras é erguida, tensa, im itando um violoncelo, e o gato a esfrega com a língua rosada, agora transform ada em arco de um instrum ento de corda. E, por fim , dobra-se sobre si m esm o, enfiando a cabeça entre as patas, para lam ber conscienciosam ente a barriguinha, os órgãos genitais e o ânus, que, depois de tanto asseio, fica lim po com o um a rosa.

Outras vezes, Tris e Trás se alisam m utuam ente, lam bendo a cabeça, o pescoço e o lom bo (nunca chegam m ais além ; um certo pudor felino parece estabelecer um lim ite: que cada um asseie suas partes m ais íntim as; um a coisa é o com panheirism o e outra, a libertinagem).

Enterram seus dej etos com afinco, quase com furor; escavam com entusiasm o a areia da caixa, esparram ando ao redor fragm entos de sepiolita — é im portante que tudo fique bem coberto; tão im portante que, com frequência, a área da escavação se estende à superfície do solo que rodeia a caixa, e vem os o gato arranhando conscienciosam ente as laj otas do piso, com o se pudesse levantá-

las com suas unhas para esconder suas fezes com m ontanhas de ladrilhos de cerâm ica. Assim que lim pam os sua caixa, acodem depressa para estrear a areia nova, lim pa, essa areia recém -lançada que passa, assim , de não ser de ninguém a ser deles.

Quando lavam os algum a das alm ofadas do sofá, os gatos logo percebem : acom odam -se sobre aquela alm ofada (e não em outra qualquer) para fazer um a longa sesta. Com essa atitude, conquistam (ou m elhor, reconquistam) um pequeno território, de apenas dois palm os quadrados, que lhes havia sido brevem ente furtado. Um território que nós, orgulhosos, trouxem os cheirando a detergente e am aciante de m áquina de lavar e sobre o qual depositam agora seu próprio cheiro, apossando-se dele novam ente. Mas com o som os incapazes de perceber esse cheiro tênue, tendem os a interpretar m al

suas atitudes. Em outras palavras, os vem os agir, m as, em geral, não entendem os nada.

O frio externo faz com que a um idade da casa se condense nos vidros da j anela, que, de transparentes, ficam translúcidos, em baçados pela um idade e perolados por pequenas gotas de água. Tris trepa em um a cadeira, estica o corpo com o se fosse de borracha, apoia levem ente as alm ofadinhas das patas dianteiras na m oldura da j anela e, esticando um a língua m uito longa, lam be conscienciosam ente o vidro úm ido. Bebe do m anancial efêm ero que essa j anela lhe oferece.

Ao lado da vasilha onde colocam os a ração dos gatos para que eles venham com er quando quiserem há sem pre um caneco com água lim pa. Todos os dias o

lavam os e voltam os a colocá-lo em seu lugar, cheio até a borda, e Tris sem pre aparece logo para saborear, ele prim eiro, a água fresca, antes de Trás se aproximar. Bebe longam ente, com lam bidas enérgicas, usando a língua com o colher. Todos os dias ouvim os o chapinhar de sua língua no bebedouro recém -

abastecido.

E olhando-o agora, absorto na tarefa de beber no vidro da j anela, sei que em algum m om ento de sua vida esse anim al passou m uita sede, foi obrigado a aprender a procurar água onde não havia, e aprendeu — ou m elhor, ensinou a si m esm o técnicas para m itigar essa longa sede que ainda não esqueceu —: por isso corre logo para a água fresca do bebedouro e por isso aproveita as gotas de um idade que escorregam com o lágrim as pelo vidro da j anela, com o se fossem a única água disponível, a única possibilidade de sobrevivência.

Nas noites de inverno, gostam os de ouvir um pouco de m úsica, enquanto do lado de fora da casa bem fechada sopra um vento gélido que talvez prenuncie neve.

Os gatos nos observam com indiferença enquanto procuram os na coleção de CDs um a gravação de concertos para o quarteto de cordas de Beethoven, abrim os o m óvel do equipam ento de som , colocam os o CD no leitor e apertam os os botões. Mas, assim que com eça a tocar, a m úsica desperta a curiosidade de Tris, que se levanta de sua confortável poltrona e se atira no tapete, em um a postura elegante, olhando de frente os dois alto-falantes; com intuição certa, escolhe o m elhor lugar: seria possível traçar, entre as caixas de som e a

cabeca do anim al recostado, um triângulo equilátero.

Tris aparentemente descansa, mas desde o começo do concerto as orelhinhas sedosas seguem a direção do som , adotando uma postura um tanto forçada: cada orelha parece acom panhar o som de cada um dos alto-falantes, movendo-se de forma assimétrica para captar melhor cada nota. Os movimentos são sutis, mas perfeitos e perceptíveis, e, naturalmente, não têm nada de aleatórios, pois uma das orelhas parece perseguir o violoncelo, e a outra, um dos violinos, oscilando levemente à medida que um ou outro instrumento se destaca. Orelhas de gato seguindo o estéreo.

De repente, em um dos movimentos do concerto, Tris se levanta com vivacidade, sobe nas suas pernas e começa a alisar, entusiasmado, meu colo, com movimentos frenéticos que recordam um pianista em plena interpretação de uma passagem com brio; algum tempo depois, de repente, o deixou eufórico.

Depois, mais tranquilo ou menos *appassionato*^[3], abandona meu colo e vai se acomodar no braço da poltrona, esticando todo seu corpo (com o qual é longo o corpo desse gato!). Com o tempo a adormecer, mas até nesse estado de sonolência parece entender a música, pois durante todo o concerto as orelhas continuam se movendo suavemente, cada uma em uma direção, acompanhando os sons que saem do aparelho. Nesse momento, parece completamente relaxado e feliz; de vez em quando, abre ligeiramente os olhos e nos olha entre as pestanas, sonolento e contente.

Nós o contemplamos com uma pontada de inveja. O ouvido de um gato é capaz de perceber sons de até 64 mil hertz, enquanto o ouvido humano só

alcança, no melhor dos casos, vinte mil. E assim , esse concerto, com posto há quase dois séculos por um surdo, encontrou aqui e agora um ouvinte especialmente sensível. O fino ouvido de Tris é capaz de captar nessa música tonalidades que nós não percebemos, harmônicos que estão ali, mas nunca ouviremos.

Quando os vêm os brincar assim , alegres, graciosos, cheios de vida, não podemos deixar de pensar que essa alegria, essa graça e essa beleza desaparecerão algum dia. E fêmos com o nós mesmos, esses gatos que agora brincam , que se escodem para pular de surpresa no outro, que se reviram no tapete e se perseguem , eufóricos, pelo corredor, morrerão. Não restará nada além de sua recordação; a mesma que resta de Tris-Trás, cuja presença evocam os em velhas

fotografias ou quando, inesperadamente, ainda encontram os um pelinho dourado em uma peça de roupa que ficou guardada por muito tempo, ou, simplesmente, quando, de surpresa, nos assalta a recordação de que existiu, de que foi uma parte — e não pequena: menor em tamanho do que em importância — de nossas vidas.

Qual é o sentido dessas pequenas vidas? Talvez, com o as notas, o mero fato de existir e de se sentirem vivos e ágeis, sentirem uma plenitude que talvez nós nunca cheguemos a alcançar, sem preocupados com nossos pensamentos, em nos projetar a um futuro que talvez nunca venha a chegar, em imaginar, desejar ou temer coisas que provavelmente jamais acontecerão. Alheios ao presente, voltados para um futuro incerto, é muito difícil para nós entregarmos-nos e viver os momentos que vivem os, que passam sem que os sintamos, que deixamos escapar com a areia entre os dedos, com a água em um cesto, enquanto olhamos para um horizonte que dificilmente alcançaremos. A vida é o que acontece enquanto você está muito ocupado fazendo planos.

Eles, por sua vez, se entregam à felicidade de seus corpos elásticos, de sua beleza sem arrogância — a beleza de quem não tem consciência de que é belo

—, da alegria de estar vivos, simplesmente, sem pensar no futuro nem em arguir-se com o passado: aqui estamos agora, entregues com fruição ao fato de viver, gozando do raio de sol que entra pela janela e forma sobre o piso um retângulo cálido no qual podemos nos acomodar, fechar os olhos e comê-lo e ronronar.

Mas nós pensamos — não conseguimos não pensar — no modo e no momento de sua morte, de suas respectivas mortes. Não é provável que os dois nos deixem ao mesmo tempo, que saiam ao mesmo tempo de nossas vidas.

Esperamos e tememos os, naturalmente, a morte escalonada. Qual será a primeira pequena vida a se apagar? E, quando isso acontecer, o que fará o outro, o gato sobrevivente, privado repentinamente da presença de seu companheiro inseparável? Talvez aquele que ficar vivo passe vários dias procurando inutilmente o outro, esperando que ele apareça com o quem volta da caça ou de uma longa corrida noturna. Nos primeiros dias, se encolherá para dormir em seu lugar preferido e, no lugar onde antes havia dois gatos, só haverá um. Talvez nós multipliquemos as nossas carícias, tentando ser o que não somos: outro gato, outro companheiro de brincadeiras que substitui o de sempre.

Ou talvez não, talvez o que sobreviver se deite, indolente, para descansar no

território até então com partilhado, vá até a vasilha de ração sem perceber que agora está m ais cheia, que a com ida dura m ais, que a água não acaba tão depressa. Acabará se acostum ando a ficar sozinho, inventará brincadeiras com as coisas pequenas, sem perceber que certa vez esses j ogos foram com partilhados com outro ser do m esm o tam anho que o seu, capaz de alcançar com um salto as m esm as alturas e de transform ar em guaridas os m esm os cantos, esses lugares nos quais nós, gatos im ensos, não cabem os. Talvez a vida se im ponha à m orte com suavidade, prolongando-se em um a rotina renovada, m as sem m udanças. O que nós sabem os dos laços que unem esses gatos que agora m esm o se lam bem m utuam ente com longas lam bidas rosadas?

Som os nós, m ais um a vez, aqueles que, doentes de Razão, produzim os, sem cessar, ideias lúgubres. Eles m orrerão, um antes e outro depois. Ou, por acaso, nós os precederem os, ou entre um a pequena m orte e a seguinte acontecerá a nossa? E agora, em baralhando essa possibilidade com outras, acrescentam os um a pequena angústia: quem cuidará deles se nós faltarm os? Com o se eles fossem bebês incapazes de se valer. Esquecendo, m ais um a vez, que não são crianças, m as adultos de outra espécie, insistim os em im aginá-los m ais dependentes de nós do que talvez sej am .

Mas eles são inacessíveis à angústia. Seu m edo dura só um instante: o instante em que acontece. O nosso se prolonga no tem po, arrasta-se em recordações e proj eta-se em um futuro desconhecido e im previsível. Enquanto isso, acom odados em sua poltrona favorita, os gatos se acariciam m utuam ente com longas lam bidas rosadas.

Paloma Díaz-Mas (Madri, 1954) é professora do Conselho Superior de Pesquisas Científicas da Espanha e, durante dezoito anos, ensinou Literatura na Universidade do País Basco. Com apenas dezenove anos, lançou seu prim eiro livro de contos, “Biografias de gênios, traidores, sábios e suicidas, segundo antigos docum entos”. Após ter se estabelecido com o ensaísta, com obras sobre literatura oral, literatura m edieval e cultura sefardita, estreou no rom ance com “O Rapto do Santo Graal”, finalista do prestigiado Prêm io Herralde, em 1983. A autora conquistaria esta honraria em 1992, com o rom ance “O Sonho de Veneza”.

Ganhadora de diversos prêm ios, tam bém escreveu peças teatrais e

relatos autobiográficos.

1. Vison e m arta são anim ais da fam ília dos m ustelídeos e cuj a pele é usada para confecção de casacos de pele. (N. da E.)

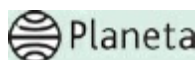
2. Um a posição de ioga de saudação ao sol (N. da E.).

1. Na psiquiatria: transtorno de personalidade lim ítrofe (N. da E.).

2. A autora explica que *pimporrante* é “um a palavra usada principalm ente no País Basco para designar algum a coisa que m olesta de form a insistente”

e *puericantor* é um a j unção das palavras em latim *pueri* (crianças) e *cantor* (que canta), ou sej a, crianças que cantam . Aqui, diz ela, “se com para o m iado insistente dos gatos ao canto de um coro infantil”. (N. do T.).

3. Expressão italiana para “passional” (N. da E.).



Os seres hum anos – pensa o gato – têm um a irrem ediável tendência a entender as coisas ao contrário. Por exem plo: ao ver um livro intitulado *O*

que aprendemos com os gatos, os hum anos provavelm ente acharão que ele trata do que os hum anos podem aprender sobre os gatos para conhecê-los m elhor (coisa que, diga-se de passagem , tam pouco seria excessiva); no entanto, para qualquer pessoa que sej a capaz de pensar com clareza, é evidente que *O que aprendemos com os gatos* significa outra coisa: o que os hum anos podem aprender a partir dos gatos, ou sej a, o que os gatos podem ensinar-lhes. Este tipo de equívoco acontece porque os hum anos partem da absurda crença de que são anim ais superiores, quando todo m undo sabe que os anim ais superiores são os gatos.

Os gatos – pensa a autora deste livro – têm m uito a nos ensinar, m as

para isso é necessário que estejam os atentos e dispostos a aprender. São carinhosos, mas já são submissos, e por isso nos ensinam a pactuar nossa convivência a cada dia; são crédulos, mas só quando sabem os conquistá-los aos poucos, exercitando a virtude da paciência; são dócticos e independentes, com o feroz aclimatados ao nosso habitat. Acha os que são indefesos, mas, na realidade, são muito mais preparados para sobreviver do que a gente. Sob sua pele sedosa se ocultam garras de fera e um corpo atlético invejável. E, quando os vem os brincar, exibindo sua magnífica forma física, ou dormindo placidamente em nossa poltrona favorita (sim, essa poltrona onde os gatos nunca nos deixam sentar) invejam também sua capacidade de viver intensamente esse instante; sem se atormentar, com o nós fazem os, com um passado que não existe mais e um futuro que talvez não chegue.

Um livro que é um guia para qualquer bom leitor, e, obviamente, indispensável para todos os amantes de gatos.

[PlanetaLivrosBR](#)

[planetadelivrosbrasil](#)

[PlanetadeLivrosBrasil](#)

[planetadelivros.com.br](#)

Table of Contents

[UM GATO](#)

[DOIS GATOS](#)

Document Outline

- [UM GATO](#)
- [DOIS GATOS](#)